

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

MAÍRA BRÁS COSTA

O FUNCIONAMENTO DE *MIENTRAS QUE* SOB UM ENFOQUE ENUNCIATIVO

Cáceres - MT

22-03-2017

MAÍRA BRÁS COSTA

O FUNCIONAMENTO DE *MIENTRAS QUE* SOB UM ENFOQUE ENUNCIATIVO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do Professor Dr. Albano Dalla Pria.

Cáceres - MT

22-03-2017

Costa, Maíra Brás

O Funcionamento de mientras que sob um enfoque enunciativo. /Maíra Brás
Costa. Cáceres/MT: UNEMAT, 2017.

78f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de
Pós-Graduação em Linguística, 2017.

Orientador: Albano Dalla Pria

1. Conjunção adversativa 2. Operações enunciativas - teoria. 3. Língua
espanhola. I. Título.

CDU: 811.134.2

MAÍRA BRÁS COSTA

O FUNCIONAMENTO DE *MIENTRAS QUE* SOB UM ENFOQUE ENUNCIATIVO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Albano Dalla Pria (Orientador - PPGL/UNEMAT)

Prof. Dr. Taisir Mahmudo Karim (Membro - PPGL/UNEMAT)

Prof. Dra. Ana Cristina Salviato-Silva (Membro Externo – FAE)

APROVADA EM: __/__/____

DEDICATÓRIA

A meus amados filhos;

Ao meu companheiro Sergio pela compreensão e paciência nas horas mais adversas

AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro, Sergio Jose Terlizzi, pelo apoio e compreensão em todas as etapas de construção desse trabalho.

Aos meus filhos, Ulisses e Vicente, que foram capazes de trazer-me alegria mesmo em dias difíceis e diante de tantos obstáculos que se me apresentaram durante o curso de mestrado.

Aos meus pais, que ensinaram-me a valorizar os estudos e ver na educação uma porta aberta para dias melhores.

À Azucena Luccio Terlizzi por não medir esforços em conseguir-me valiosa bibliografia.

Ao prof. Dr. Albano Dalla Pria pela orientação e, principalmente, por haver-me alentado a seguir adiante.

À profa. Dra. Edileusa Gimenes Morales, *in memoriam*, por todo o incentivo.

Aos professores e técnicos administrativos da Unemat – campus de Alto Araguaia, colegas pelos quais sempre me senti acolhida e incentivada em seguir com meu percurso de formação.

Aos amigos Paulo Cesar Tafarello e Alessandra de Andrade Tafarello pelo apoio e preocupação. Enfim, a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para a viabilidade da minha formação.

*“Preste atenção, o mundo é um moinho
Vai triturar teus sonhos, tão mesquinhos
Vai reduzir as ilusões a pó”*

Cartola

RESUMO

A pesquisa de que trata esta dissertação teve por objetivo o estudo de *mientras que* enquanto marcador de operações enunciativas. Trata-se de uma construção da língua espanhola que ainda não havia sido estudada de uma perspectiva que buscasse articulação das dimensões teórica e prática tal como apresentada neste trabalho. Tivemos por fundamentação teórica a tese da indeterminação da linguagem, entendida enquanto atividade de representação, referenciação e regulação, tal como a conceitua a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). A linha de pesquisa em que está inserido este trabalho é a descrição e análise de línguas, instituição e ensino. O *corpus* da pesquisa é constituído de enunciados coletados de *corpora* eletrônicos e de portais de notícias de países da América do Sul. O critério de seleção dos enunciados foi a ocorrência de *mientras que*. Assim, todos os enunciados analisados trazem essa construção. A metodologia se baseou na atividade de reformulação, também denominada de glosagem ou parafraseagem (FRANCKEL, 2011; FUCHS, 1985). Através dessa atividade puderam ser feitas as observações do funcionamento de *mientras que* esboçadas neste trabalho na forma de um sistema de representação metalinguística. Concluímos que *mientras que* não é apenas uma construção introdutora de adversidade ou de ideia contrária, como querem as gramáticas tradicionais. No jogo intersubjetivo, outros valores estão disponíveis para essa construção. Enquanto marcador de operações, *mientras que* funciona na diferenciação dos sujeitos implicados no enunciado.

Palavras-chave: Conjunção adversativa, Teoria das Operações Enunciativas, Língua Espanhola.

ABSTRACT

The objective of this work is the study of *mientras que* as marker of enunciative operations. It is a grammatical construction of Spanish language that has not been studied according the articulation of theory and practice as we did in our research. This research was based on the language indetermination, also understood as an activity of representation, referenciation and regulation, defined by the Theory of Predicative and Enunciative Operations (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). The research line of this study is the description and analysis of languages, institution and teaching. Electronic corpora and electronic newspapers from South America was the source for the constitution of our corpus. Criterion for the selection of utterances was the occurrence of *mientras que* in each one. Reformulation, also known as gloss or paraphrase (FRANCKEL, 2011; FUCHS, 1985), was the methodology of our analysis. We have seen *mientras que* functioning as marker of enunciative operations due to this activity and we outlined it in a system of metalinguistic representation. Conclusions reached by this research are: (1) *mientras que* is not only a construction for introduce adversity or contrary idea, as we usually find in traditional grammar; (2) other values are for the construction and (3), as marker of enunciative operations, subjects subscribed by the utterance are differentiated by *mientras que* functioning.

Keywords: Adversative Conjunction, Theory of Predicative and Enunciative Operations, Spanish Language.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UNEMAT	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PPGL	PROGRAMA PÓS GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
FAE	CENTRO UNIVERSITÁRIO DAS FACULDADES ASSOCIADAS
DE ENSINO	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
SEÇÃO I.....	20
1.1 A ATIVIDADE DE LINGUAGEM	22
1.2 A REPRESENTAÇÃO	22
1.3 AS REPRESENTAÇÕES MENTAIS	23
1.4 AS REPRESENTAÇÕES LINGÜÍSTICAS	23
1.5 AS REPRESENTAÇÕES METALINGÜÍSTICAS	24
1.6 A REFERENCIAÇÃO.....	25
1.7 A REGULAÇÃO	25
SEÇÃO II	26
2.1 O ENUNCIADO	26
2.2 OS PROCESSOS CONSTITUTIVOS DO ENUNCIADO.....	28
2.3 A RELAÇÃO PRIMITIVA	28
2.4 A RELAÇÃO PREDICATIVA.....	28
2.5 A RELAÇÃO ENUNCIATIVA	29
SEÇÃO III.....	30
3.1 A CONSTRUÇÃO DE DOMÍNIOS NOCIONAIS	30
3.2 A NOÇÃO	30
3.3 A OCORRÊNCIA.....	32
3.4 OS POLOS ORGANIZADORES DA NOÇÃO: O TIPO E O ATRATOR	34
3.5 O TIPO.....	34
3.6 O ATRATOR.....	35
3.7 O DOMÍNIO NOCIONAL	37
3.8 A FRONTEIRA.....	37
3.9 UMA TIPOLOGIA: O DISCRETO, O COMPACTO E O DENSO	38
SEÇÃO IV.....	39

4.1 AS OPERAÇÕES DE DETERMINAÇÃO.....	39
4.2 A QUANTIFICAÇÃO	39
4.3 A EXTRAÇÃO E A FLECHAGEM	39
4.4 A QUALIFICAÇÃO.....	39
4.5 A VARREDURA	40
SEÇÃO V	41
5.1 AS ORIGENS DE MIENTRAS	41
5.2 MIENTRAS QUE – UMA CONJUNÇÃO.....	45
5.3 PERO	47
5.4 A CONSTRUÇÃO DE VALORES PARA ALÉM DO ADVERSATIVO E DO CONCESSIVO	49
6.1. ENUNCIADO I.....	57
“EL HOMBRE ANSIA LIBERTAD, MIENTRAS QUE LA MUJER NECESITA SEGURIDAD.”	57
6.2 ENUNCIADO II.....	60
“LA MUJER IDEAL PARA EL PUEBLO TCHAMBULI ES LA QUE DOMINA MIENTRAS QUE PARA NOSOTROS SERÍA OTRO TIPO DE MUJER.”	60
6.3 ENUNCIADO III.....	61
“LOS HOMBRES TIENEN MUCHOS BENEFICIOS, MIENTRAS QUE LAS MUJERES TIENEN MUCHAS COMPLICACIONES.”	61
6.4 ENUNCIADO IV	63
“YO SÍ COLABORO CON LA JUSTICIA MIENTRAS QUE OTROS AL PARECER LA REHUYEN. NOSOTROS NO REHUIMOS DE LA JUSTICIA COMO OTRO Y OTRAS”, MANIFESTÓ VERÓNICA MENDOZA EN BREVES DECLARACIONES A LA PRENSA.”	63
6.5 ENUNCIADO V.....	64
“ARGENTINA "NO CONVALIDARÁ EL GOLPE EN PARAGUAY" MIENTRAS QUE BRASIL SUGIRIÓ QUE QUEDARÍA FUERA DE LA UNASUR Y EL MERCOSUR.”	64
6.6 ENUNCIADO VI	65
“LA DANZA BOLERA ES MUY ELEVADA: ES SALTAR, ELEVARSE EN EL AIRE, MIENTRAS QUE EL FLAMENCO ES APEGARSE AL SUELO, Y PARA ALGUIEN QUE ESTUDIE LAS DOS FORMAS NO DEJA DE SER UNA COMPLICACIÓN.”	65
6.7 O QUE OBSERVAMOS DA MARCA MIENTRAS QUE	69

SEÇÃO VII	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado teve como motivação nosso contato com a Teoria das Operações Enunciativas através do professor Dr. Albano Dalla Pria, docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT. Conversávamos em várias ocasiões sobre nosso desejo de trabalhar com questões de ensino articuladas com reflexões sobre a língua sob uma ótica que não se encerre no mecanicismo e no artificialismo teórico. O ensino traz uma questão prática que desafia tanto abordagens “teóricas” quanto abordagens “práticas”. Essas porque carecem de teorização que as sustente; aquelas porque idealizam demasiadamente a prática.

A Teoria das Operações Enunciativas apontou para a possibilidade de articulação dessas duas dimensões. Na verdade, para essa teoria há uma sobreposição dessas duas instâncias que, em alguns casos, procuramos distinguir para melhor compreendê-las.

Nosso interesse peculiar pela marca *mientras* da língua espanhola se deve à nossa experiência no ensino dessa língua como professora da UNEMAT/Alto Araguaia. Trata-se de uma estrutura recorrente na língua espanhola, mas pouco conhecida para além dos estereótipos que nos são oferecidos por gramáticas tradicionais. Ora a palavra é definida pelas gramáticas como conjunção (ex.: *Mientras andaba, iba cantando* – Trad. port.: *Enquanto andava, ia cantando*) ora como advérbio (ex.: *Tú ve a preparar la barbacoa y, mientras, yo preparo la ensalada* – Trad. Port: *Você vá preparar a churrasqueira e, enquanto isso, eu preparo a salada*). Chamaram ainda mais a nossa atenção as construções com o formato *mientras que*. Nessas construções, a marca estudada é classificada tradicionalmente como conjunção subordinativa, dado o nexos estrutural que fazem em orações subordinadas adverbiais temporais. Porém, o seu sentido caminha muito mais para a ideia de contraste do que para a de simultaneidade no tempo.

Consideremos alguns exemplos. No enunciado *Muchos alegan que en internet no importa cuidar la gramática o la ortografía, mientras que otros insisten en que si no lo hacemos, pronto seremos incapaces de hacernos entender* (Trad. Port.: *Muitos alegam que na internet não é importante cuidar a gramática ou a ortografia, mas outros insistem que se não fizermos isso, logo seremos incapazes de nos entender*), ainda que ambas as ações pudessem ocorrer de modo simultâneo, o que de fato se enfatiza nesse enunciado é o contraste entre as duas ideias apresentadas. Na primeira oração temos a afirmação de que é desnecessário o cuidado com a escrita nos meios digitais (provavelmente uma referência às redes sociais tão populares na atualidade). Já a ideia expressa na segunda oração contraria esse pensamento e destaca que, caso não cuidemos da escrita na internet, poderemos chegar a ter dificuldades em

interpretar e interagir nesse ambiente digital. Nesse enunciado é muito mais relevante o contraste entre as ideias contrárias do que o aspecto temporal que possa representar a locução aqui estudada. *Mientras que* também pode encabeçar um enunciado e, igualmente, apresentará a ideia de contraste. Esse é o caso de *Mientras que los miembros del sindicato exponían las razones del paro, los representantes del gobierno se limitaban a repetir la misma cantinela de que no había dinero* (Trad. Port.: *Enquanto os membros do sindicato expunham as razões da greve, os representantes do governo limitavam-se a repetir a mesma ladainha de que não havia dinheiro*). No enunciado apresentado anteriormente, tampouco a ênfase está na simultaneidade das ações. Ainda que essas ações pudessem ser simultâneas, a ênfase está no contraste das duas atitudes. A pergunta que nos intriga é: Como é que *mientras que* passa de um valor a outro? Por que esses valores e não outros? Há outros valores possíveis para *mientras que*?

Manuais didáticos de língua espanhola costumam definir *mientras* como “expressão de simultaneidade de ações”. Sobre essa definição temos alguns questionamentos: quais são essas ações? De onde partem tais ações? São sujeitos que estão na origem dessas ações? Em direção a que esses sujeitos investem tais ações? Os sujeitos (origem) e o objetivo das ações permanecem os mesmos ao final das ações?

Essas perguntas deram contornos à nossa trajetória de pesquisa, assim como também deram contornos à nossa trajetória docente. Em qualquer um desses casos, é o processo percorrido pelos sujeitos enunciadorez que estão lidando com a língua que está em questão. Para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, a trajetória que se percorre de um ponto inicial até um ponto outro é o intervalo que se pode avaliar em termos do movimento realizado.

Para tanto, teremos de partir dos observáveis, enunciados de partida, glosas e paráfrases que possibilitam a observação do movimento realizado pelos sujeitos, seja esse o pesquisador, o professor ou o aluno. A resposta a uma mesma pergunta nos ajudará a compreender esse movimento. A pergunta é: como resolver todo o problema da variabilidade de significados do marcador *mientras que*? Como acessar a identidade de *mientras que* e como ela se ajusta à variabilidade de contextos que ajuda a constituir?

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas opta por uma maneira interessante de responder a essas perguntas, isto é, lança mão de glosas e paráfrases dentro de um quadro teórico no qual esses expedientes assumem função metalinguística e, portanto, descritiva e explicativa sobre o fenômeno em questão. É relevante, neste ponto, esclarecer como a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas define os termos glosa e paráfrase. Para a TOPE, a glosa é uma atividade típica da prática do sujeito enunciadorez, são os enunciados produzidos por

esse sujeito com a intenção de explicitar para o sujeito co-enunciador o sentido de um enunciado produzido anteriormente. Enquanto a glosa pertence ao mundo do sujeito enunciador, sendo uma atividade natural dos sujeitos, a paráfrase pertence à prática regulada do analista e trata-se da atividade que busca reformular e interpretar os enunciados. É, de certo modo, uma formalização da glosa. O ponto de partida do nosso trabalho são enunciados, suas glosas e paráfrases.

Do mesmo modo, no ensino de línguas, se o aluno for levado a compreender o papel da paráfrase como mecanismo fundamental de linguagem na produção de enunciados dotados de significação resultantes de um processo construtivo, o aluno, mas também o pesquisador, terá se lançado:

Sobre as sutilezas linguísticas que cada situação enunciativa exige, levando-o a perceber tanto a identidade semântica quanto a diferença semântica que podem ser estabelecidas a partir de uma cadeia parafrástica. (ONOFRE, 1994 p.159)

Neste trabalho de pesquisa, propomos, de modo geral, abordar questões referentes à articulação da linguagem com as línguas naturais tal como propõe o linguista francês Antoine Culioli e seus colaboradores dentro do arcabouço teórico que ficou conhecido como Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Para tanto, de modo mais específico, interessou-nos trabalhar com a observação de *mientras que* a partir de dados coletados durante a produção desse trabalho em diferentes fontes disponibilizadas na internet.

Desta forma, o corpus que utilizamos para a seção de enunciados é resultado de uma seleção em artigos de revistas científicas eletrônicas em língua espanhola. Constam do *Repositorio Documental de la Universidad de Salamanca*¹, de portais de notícias de países da América do Sul e também do acervo digital denominado *Corpus del Español*². No caso da última fonte citada, o *Corpus del Español*, trata-se de acervo digital criado por Mark Davies, professor de Linguística de Corpus da Universidade de Brigham Young e foi publicado pela primeira vez na internet no ano de 2002, é composto por fontes diversas que vão desde textos literários da Idade Média até entrevistas coletadas nos anos de 2000. Constam desse *corpus* entrevistas classificadas como sendo de fala culta.

Além de ser uma fonte amplamente usada em diversas pesquisas que envolvem língua espanhola, esse *corpus* nos pareceu uma fonte pertinente porque possui um extenso acervo,

¹ Disponível em <http://gredos.usal.es/jspui/handle/10366/100080>.

² Disponível em www.corpusdelespañol.com.

composto não só pelo enunciado isolado, mas também porque apresenta um contexto mais amplo. Além disso, cita as referências completas de onde dado enunciado foi recortado.

Se chegamos a articular a dimensão prática com a dimensão teórica, isso se deve à opção que fizemos por uma teoria que se fundamenta em bases epistemológicas segundo as quais o conhecimento teórico vincula-se ao conhecimento prático que está envolvido tanto na construção de representações linguísticas quanto na sustentação de tais representações dentro de uma cultura dada como resultado do trabalho de sujeitos enunciativos que, em situações enunciativas particulares, ajustam seus quadros de referência com os contextos que se lhes apresentam.

Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada teve por objetivo a caracterização do marcador *mientras* da língua espanhola a partir do qual fizemos a experiência de passar pelo processo de apropriação de uma teoria de gênese. Também buscamos desenvolver reflexões sobre esse marcador de operações tendo em mente uma dimensão educacional que acreditamos deva estar articulada com a dimensão linguística. Desse modo, esperamos contribuir com o ensino de língua - sobretudo o ensino da língua espanhola. Dizemos isso, não porque este trabalho traga, de um ponto de vista mais superficial, “dicas” e “sugestões” de como ensinar, ou, de um ponto de vista mais acadêmico, “uma metodologia” de ensino. Se dizemos que este trabalho traz contribuições para o ensino, isso se deve à experiência de pesquisa na formalização de exercícios com o marcador *mientras* para situações enunciativas variáveis, tais como aquelas da sala de aula. Com isso, ambicionamos que nosso estudo contribua para o ensino de língua espanhola naquilo que compreende a produção e a interpretação de textos.

Em suma, o trabalho aqui apresentado buscou: (I) desenvolver um trabalho que articule as instâncias da pesquisa e do ensino de línguas estrangeiras, em particular da língua espanhola, por meio da apropriação de mecanismos da linguagem (que transcendem as fronteiras entre línguas) e da explicitação dessa trajetória, construindo um sistema de representação metalinguística; (II) mostrar a importância que tal apropriação tem para o ensino e a aprendizagem de línguas, (III) contribuir para a caracterização do marcador de operações predicativas e enunciativas *mientras* na língua espanhola.

Para tanto tivemos como direcionamento teórico e metodológico a escola de Antoine Culioli e seus colaboradores dentro daquilo que ficou conhecido como Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Trata-se de uma teoria da enunciação uma vez que tem como objeto o próprio enunciado. Conforme afirmam Franckel & Paillard (2011, p. 87): “Essa teoria pode ser apresentada sob três aspectos. Corresponde a uma teoria da enunciação, a um sistema

de orientação* [système de repérage]** e a uma teoria da invariância (e da variação).” Essa teoria entende que todo termo é orientado em relação a outro que lhe serve de orientador.

Estamos inseridos, portanto, em uma teoria que tem a enunciação como uma de suas bases. O enunciado terá sua importância como resultado da atividade de linguagem, isto é, como um agenciamento de formas a partir dos mecanismos enunciativos que o constituem. Os enunciados são analisados dentro de um sistema de representação formalizável como o resultado do encadeamento de operações das quais ele é o resultado. *Operação* remete à hipótese de que a superfície do enunciado é um formalizável. Isso implica que o estudo da enunciação passa pelo estudo das modalizações que constituem o enunciado. Sobre isso Franckel e Paillard (2011, p. 88) afirmam:

Isso significa que as formas organizadas que o materializam remetem, não a valores, mas a operações de constituição do valor referencial. Estudar a enunciação é, pois, estudar as modalidades de constituição desse valor (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 88).

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas é fundamentada pelos mecanismos enunciativos que ela teoriza como seu objeto de análise. Esses mecanismos são apreendidos a partir das línguas naturais. Ao sobrepor essas duas ordens – os mecanismos da linguagem e as línguas como expressão desses mecanismos – a teoria faz emergir o trabalho dos sujeitos enunciadores. Essa instância não é externa nem à linguagem nem às línguas. Pelo contrário, está na origem do dizer. O sujeito não se encerra na famigerada dicotomia emissor versus receptor. Conforme Franckel e Paillard (2011, p. 88):

O sujeito enunciador não constitui uma instância pré-constituída exterior a essas operações, pelo contrário, é um produto dessas operações. Na verdade, desempenha um papel muito variável de um enunciado a outro e, sobretudo, ele se inscreve em relações complexas com o co-enunciador que não se reduzem àquelas do par locutor/colocutor. Os processos de regulação/ajustamento instauram relações de alteridade, ao mesmo tempo complexas e formalizáveis entre enunciador e co-enunciador, que não se confundem com as relações pragmáticas que podem se formar entre os sujeitos falantes (FRANCKEL; PAILLARD, 2011, p. 88).

Dizendo de outro modo, o sujeito, nesta perspectiva, será analisado como emissor para si, emissor para o outro (o diferente dele), receptor do outro e receptor de si próprio.

Neste trabalho, *mientras* foi analisado como marcador de operações. Todo o movimento de análise foi configurado a partir de manipulações de um enunciado de partida no qual *mientras* está presente. Outros enunciados foram gerados com base em expedientes teóricos fornecidos pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas: a glosa e a paráfrase. A primeira como uma (re)elaboração espontânea do enunciado de partida e a segunda como

(re)elaboração orientada por intuições teóricas e segundo conceitos operatórios definidos pela teoria.

Os conceitos operatórios que nos orientaram na (re)construção dos percursos percorridos pelo enunciado na sua constituição são: *léxis*, relação predicativa e relação enunciativa. A *léxis* é um esquema inicial, primitivo, que assegura que todo ato de linguagem seja colocado inicialmente em forma. Estabelece as relações entre as coisas, dando-lhes atributo e lhes colocando em movimento. Segundo Aguilar (2007, p. 53):

É a partir do esquema de *léxis*, numa relação primitiva, que construiremos o predicado (termo que coloca em relação os argumentos) e os argumentos. Cada elemento envolvido nessa relação é uma noção e partir de uma noção, como veremos mais adiante, construímos um domínio nocional. Portanto a relação primitiva é uma relação entre domínios nocionais, ou ainda, entre feixes de propriedades constitutivas das noções (AGUILAR, 2007, p. 53).

Por isso, essa instância não envolve asserção, nem ordenação dos termos, nem modalização e nem predicção. Os termos da *léxis* são preenchidos por noções entendidas como sistemas complexos de representação de propriedades físico-culturais que os sujeitos apreendem dada sua inserção em uma cultura dada. A relação predicativa ordena os termos em função de um sujeito enunciativo que estabelece um termo de origem e estabelece uma predicção com os demais termos da *léxis*. Um conjunto de outras relações que resulta de ajustes de coordenadas enunciativas (sujeitos, tempo e espaço) configurará a relação enunciativa para a qual uma relação predicativa é objeto de localização (determinação de significação). O linguista terá o desafio metodológico de:

(1) acessar a atividade epilinguística que Antoine Culioli define como o saber inconsciente que todo falante tem e que possibilita ao falante investir uma forma linguística de significação. Nesse sentido, a atividade epilinguística equivale a uma atividade metalinguística inconsciente (diálogo interno);

(2) construir um sistema explícito de representações metalinguísticas (com base em relações parafrásticas) que dê visibilidade à atividade epilinguística que não está explícita na atividade de linguagem dos sujeitos.

De acordo com Geraldi (1995, p. 24), a atividade epilinguística corresponde a um conjunto de operações que se manifestam nas negociações de sentido, em hesitações, em autocorreções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos etc. e está sempre presente nas atividades verbais. Todo enunciado traz consigo a sua história constitutiva. Portanto, não é só a interpretação em si mesma que nos interessa, mas também o caminho que fazemos para chegar a uma dada interpretação. A superfície do enunciado é a entrada para o

caminho que nos permite acessar as operações que sustentam cada significação particular de um enunciado. Nosso foco foi encontrar os mecanismos que estabilizam cada ocorrência singular de *mientras* na constituição do enunciado. Para tanto, foi imprescindível que nos apropriássemos de mecanismos de linguagem que nos dessem uma compreensão do dinamismo da linguagem que se faz observar nas línguas e, em particular, na língua espanhola. O trabalho de construção de um sistema de representação metalinguística, tal como é a proposta da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, envolve a montagem e desmontagem de enunciados, marcas e significados de modo a reconstruir os processos que lhe deram origem. Foi a trajetória de apropriação dos mecanismos implicados nesse processo de montagem e desmontagem de formas que fizemos ao longo dessa pesquisa.

Esta dissertação, além da *Introdução*, contempla outras seis Seções:

A Seção 1 apresenta os fundamentos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. Essa Seção se inicia situando a teoria entre as diversas vertentes da Linguística e, em seguida, apresenta como a teoria conceitua a atividade de linguagem e como funciona o processo de representação.

A Seção 2 apresenta como a teoria culioliana entende o conceito de enunciado e seus processos constitutivos.

A Seção 3 traz o conceito de noção, ocorrência e explicita como se constituem os domínios nocionais.

A Seção 4 explicita conceitos relacionados ao processo de determinação: quantificação e qualificação.

A Seção 5 faz uma explanação sobre o modo como os estudos tradicionais abordam a marca *mientras* que e descreve seu funcionamento sintático a partir do olhar da gramática normativa.

A Seção 6 apresenta a análise desenvolvida para o marcador *mientras que*, o objetivo é observar como a marca varia e a partir disso buscar o que constitui sua invariância. Como seu sentido flutua e como ele se estabiliza.

A Seção 7 traz as *Considerações Finais* do trabalho, nela buscamos responder aos questionamentos propostos na introdução e ao longo deste trabalho.

SEÇÃO I

A TEORIA DAS OPERAÇÕES PREDICATIVAS E ENUNCIATIVAS

Quando pisou a superfície da Terra o primeiro homem? Quando esse homem falou? Como surgiram as línguas? Inúmeras culturas trouxeram explicações divinas para essas questões. Segundo a tradição cristã, fomos feitos do barro, à imagem e semelhança de Deus. Já na cultura maia, nossa origem remonta a uma espécie de competição divina em criar um ser que fosse capaz de agradecer pelas coisas que os deuses deram ao mundo. O vencedor foi Quetzalcoatl que fez uma massa de milho branco e de milho amarelo. Misturou um pouco de seu sangue e moldou o primeiro homem, insuflou vida nele. Assim a aurora surgiu. Assim o homem povoou o mundo, sempre agradecendo e pedindo conselhos ao seu criador. Falamos a partir de um sopro divino em ambas as culturas. A diversidade das línguas é explicada na Bíblia pelo relato da Torre de Babel, supostamente construída pelos homens para alcançar os deuses. Esses homens falavam uma mesma língua. Deus então os castiga, derrubando a torre e espalhando-os pelo mundo, cada um com uma língua diferente de modo que não se entendessem. Para os Astecas, depois do dilúvio, o casal fundador teve muitos filhos, todos mudos, até que uma pomba apareceu e deu a cada um deles uma língua diferente. Para a ciência são perguntas ainda sem resposta. Disso tudo, notamos que: a ciência e a cultura indicam que não há nenhum registro da caminhada do ser humano neste planeta sem a linguagem. A necessidade de comunicar-se é observada no ser humano como o respirar ou o comer. Quando privados do som, por algum motivo, criamos as línguas de sinais, presentes nas mais diversas sociedades e que permitem que aqueles que não podem falar ou ouvir consigam comunicar-se com aqueles com quem convivem. Somos linguagem. É ela que organiza o nosso mundo e nos dá a condição de existência.

Sendo um elemento fundador do que conhecemos por humanidade é natural que diversos estudiosos tenham se interessado pelo tema desde os tempos de antanho até os dias de hoje. De Platão até os linguistas contemporâneos. Interesse esse que entre outros muitos caminhos investigativos levou-nos à Linguística.

Fundada por Saussure, no início do séc. XX, ela traz uma proposta de linha positivista que ia de encontro às exigências da ciência da época, com pressupostos e objetivos bem

delimitados, separando língua e linguagem e retirando de cena um elemento perturbador, o sujeito. Após esse primeiro momento, passamos por diversos olhares sobre a língua, a linguagem e a própria linguística. Bakhtin, por exemplo, em seu livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, questiona a homogeneidade e a imutabilidade da língua propostas por Saussure. Bakhtin rompe com as famosas dicotomias saussurreanas e afirma que a linguagem é uma prática social. Em outro momento, Chomsky traz uma proposta teórica que ambiciona descrever e explicar a faculdade da linguagem humana enquanto mecanismo biológico. Partindo do pressuposto de que ela é inata, Chomsky trabalha na formalização de uma gramática universal. Esses são apenas alguns exemplos de muitos linguistas que se lançaram nas águas profundas dos estudos da linguagem. Entre os muitos caminhos possíveis, escolhemos, para esse trabalho, o escopo teórico proposto pelo linguista francês Antoine Culioli.

Os estudos de Culioli estão situados entre as teorias de enunciação, uma vez que têm por objeto o enunciado, que aqui é entendido como um agenciamento de formas que resultam em um sistema de representação formalizável. Subjacente a esse sistema estão as operações enunciativas que o constituem e o fundamentam como formas estabilizadas em cada língua dada. Embora uma das contribuições das teorias enunciativas tenha sido tratar do sujeito e da subjetividade, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas não pode ser entendida como “uma teoria dos sujeitos enunciadores, mas de uma teoria das operações abstratas, que compete à análise explicitar a partir da organização das formas constitutivas do enunciado e das restrições que manifesta [...]” (FRANCKEL; PAILLARD; 2011, p. 88).

Para a teoria culioliana, a linguagem é um processo em que estão implicados um conjunto de operações que se realizam na construção do sentido entre dois sujeitos. É a capacidade humana de construção de representação, referenciação e regulação que pode ser apreendida por meio das línguas porque é regulada e relativamente estável.

Nesta perspectiva, o que estuda a TOPE é esse ponto clivado entre língua e linguagem. Segundo Culioli, a linguística tem por objeto de estudo a atividade de linguagem apreendida através da diversidade das línguas naturais, na diversidade de textos orais e escritos. Para ele, a linguagem só pode ser investigada a partir das marcas específicas, dos agenciamentos observáveis nas línguas, na forma de textos orais ou escritos produzidos e reconhecidos pelos sujeitos. Nesses textos é que poderemos buscar os processos que determinam a produção e reconhecimento de enunciados. Ao propor essa articulação entre linguagem e a diversidade das línguas naturais, Culioli propõe também um projeto de investigação que busca construir uma teoria capaz de encontrar nessa imensa heterogeneidade das línguas algo que seja homogêneo, algo que seja regular e possibilite a passagem de uma língua para outra.

O objetivo da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas é investigar as marcas linguísticas das operações de linguagem que aparecem no momento da interação entre os sujeitos quando estes fazem os ajustamentos necessários para, partindo de um sentido individualizado, chegarem a um sentido compartilhado. Essas operações ocorrem a partir de um diálogo interno e inconsciente, chamado pelo linguista de epilingüístico, em que sucede uma atividade metalingüística que permite a produção e reconhecimento dos textos e, em última instância, é o que permite a interação entre os sujeitos de uma enunciação.

Nesse sentido, nosso trabalho busca observar a marca mientras, nos enunciados selecionados, e investigar sua variação, como sucede a construção de sentidos a partir dela e qual é sua invariância.

1.1 A atividade de linguagem

Para Culioli, as marcas linguísticas são vestígios das operações que estão na sua origem. É a partir dessas marcas, presentes nos enunciados produzidos pelos sujeitos, que o linguista poderá investigar e teorizar o processo de produção e reconhecimento de determinado enunciado. Ao possibilitar o acesso do linguista ao nível cognitivo, esses traços lhe permitem simular os processos geradores do enunciado e, com isso, explicar a função reguladora do sistema cognitivo na atividade de linguagem (PRIA, 2013, p.38).

Na atividade de linguagem estão envolvidas as operações de representação, referenciação e regulação, que, embora apareçam na literatura geralmente nesta ordem, não implica isso num processo sequencial. Se não chegamos a ter acesso a toda a atividade epilingüística, é possível que se trate, portanto, de atividades simultâneas.

Na Seção seguinte explicitaremos o que a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas entende por atividade de linguagem e como se dá o processo de representação linguística.

1.2 A representação

Na atividade de representação estão envolvidos três níveis: 1 - o nível das representações mentais; 2 - o nível das representações linguísticas e 3 - o nível das representações metalingüísticas.

1.3 As representações mentais

O Nível 1 é o nível das representações mentais, remete a nossa atividade cognitiva, entendendo aqui cognição não apenas como o ato racional de pensar, mas algo mais amplo que envolve também o afeto. Do ponto de vista da teoria culioliana, o afeto faz parte da cognição; não como algo separado entre a racionalidade e o afetivo, mas como algo formador da própria cognição.

Esse entendimento do que é cognição diz muito sobre o que é a atividade de representação. É a nossa maneira individual e psicológica de organizarmos nossas experiências diante do mundo, tratando com elementos linguísticos e extra-linguísticos. É nossa (re)construção simbólica do mundo, que não só é individual, mas também é compartilhada, pois o sujeito está inserido em determinada cultura que o habilita a constituir tais representações que são, em última instância, o seu modo de representar a realidade a partir de sua percepção como sujeito inserido num determinado mundo físico-cultural e numa determinada realidade subjetiva. Pensando na palavra *quilombo*, por exemplo, em espanhol, trata-se de um estrangeirismo, um empréstimo do português brasileiro, mas que em terras hispanofalantes recebeu outro significado. Se, para nós remete à organização política e social de negros que fugiam da escravidão, para nossos vizinhos de fronteira ganhou o significado de “desordem, escândalo, conflito” como, por exemplo, em *Con esas protestas la calle es un quilombo*³ (Trad. Com esses protestos a rua é uma desordem.) ou *¿Podés dejar de hacer quilombo? Estoy tratando de estudiar* (Trad. Você pode deixar de fazer bagunça? Estou tentando estudar). Essa outra maneira de representar a marca *quilombo* é dada pela cultura. Todos os sentidos que ela pode vir a incorporar são individuais e compartilhados. Dependem, portanto, da cultura em que o sujeito está inserido. Por tratar-se de algo próprio do inconsciente, o linguista não tem acesso direto as representações do Nível 1.

1.4 As representações linguísticas

O Nível 2 é o das representações linguísticas. É nele que encontraremos rastros da atividade de representação do Nível 1 a partir do arranjo de marcadores constitutivos dos enunciados produzidos pelos sujeitos, ou seja, a partir dos arranjos léxico-gramaticais presentes

³ Todas as traduções do espanhol para o português presentes neste trabalho foram feitas por nós.

na atividade de enunciação. É preciso atentar que os níveis 1 e 2 se relacionam, mas não apresentam uma relação de total equivalência. Sobre isso, Culioli afirma:

[...] não há relação termo a termo entre as representações de nível 1 e as representações de nível 2. Aí reside a dificuldade. Se houvesse uma relação termo a termo, teríamos uma nomenclatura no caso mais tosco e, de maneira mais geral, uma codificação. Mas não se dá a relação um marcador um valor (CULIOLI, 2010, p. 84)⁴.

A postura de Culioli aponta que para um marcador pode haver vários valores ou também que para vários valores pode haver um só marcador, ou seja, os arranjos de marcadores nas línguas são inúmeros. Essa instabilidade fará com que surjam, incessantemente, problemas de sinonímia, homonímia, ambiguidade, paráfrases e valores compostos, pois não há uma relação fixa e imutável entre representantes e representações. O Nível 2 é aquele que está acessível ao linguista.

1.5 As representações metalingüísticas

No Nível 3 ocorre a construção explícita das representações metalingüísticas. Essas representações são construções de sequências textuais formais e se relacionam com os níveis 1 e 2. Sobre o tema, Culioli afirma:

A esperança é que o nível 3 esteja em uma relação de adequação (de correspondência) com o nível 2, tal que, por via desta relação explícita entre 2 e 3, possamos simular a correspondência entre 1 e 2. Mas não há relação de univocidade: se a relação fosse unívoca, não seria preciso mais que remontar de nível a nível. Então é preciso contemplar a possibilidade de uma perda, um desvio, algo extra que seja preciso explicar. Portanto, não podemos obter uma validação de hipóteses que se efetivaram de uma vez por todas. As representações de nível 3 devem estar em uma relação de exterioridade com respeito ao nível 2, mas uma exterioridade “comprometida”, de modo que o formal seja o empírico formalizado, e o empírico, a medida que se generaliza, venha a colocar em evidência o formal. (CULIOLI, 2010, p.85-86)

Nota-se que Culioli não pretende indicar alguma sequência no processo de construção da representação, mas sim mostrar o caminho que o conhecimento trilha neste diálogo interno da cognição. Para a cognição, o mundo material não se distingue do mundo simbólico. O processo de representação relaciona-se diretamente com o modo como o sujeito apreende a realidade material e simbólica que o cerca. O Nível 3 é aquele sobre o qual o linguista trabalha.

⁴No original: [...]no hay relación término a término entre las representaciones de nivel 1 y las representaciones de nivel 2. Ahí reside la dificultad. Si hubiera una relación término a término, tendríamos una nomenclatura en el caso más tosco y, de manera más general, una codificación. Pero no se da la relación un marcador un valor (CULIOLI, 2010, p. 84)

1.6 A referenciação

A atividade de referenciação relaciona-se diretamente com a atividade de representação, uma vez que, a representação está associada ao modo como os sujeitos percebem e enunciam a realidade simbólica que os rodeia. Nesse contexto, a atividade de referenciação produz espaços de referência onde podem ser localizadas as representações dos objetos, sejam eles linguísticos ou não, em suas diversas possibilidades de construção de sentidos. A teoria culioliana entende que o sistema de referência não é fornecido como um todo pronto e acabado, mas é construído pelo sujeito que é parte constitutiva do sistema. Não se trata de um simples observador exterior, o sujeito se constitui como origem do sistema de referência. Mas esse sistema deve ser construído em relação a um outro sujeito com quem ele quer partilhar sua representação. A questão é que, salvo a possibilidade de apontar algo, não há referencial externo e pré-ajustado que transfira a referência de sujeito a sujeito.

Diante do exposto, percebe-se que a atividade de referenciação está relacionada aos ajustamentos inter-sujeitos envolvidos numa situação de enunciação (que considera aspectos como o tempo, o espaço e os eventos implicados no momento da enunciação) e envolve uma busca por uma estabilização, ainda que temporária, que só lhe pode ser dada pelos sujeitos que procuram um sentido passível de ser partilhado.

1.7 A regulação

A regulação é indissociável das atividades de representação e referenciação. É o conjunto dessas três atividades que propicia aos sujeitos produzir e reconhecer formas por meio dos enunciados. Na atividade de regulação estão implicadas as relações de alteridade entre os sujeitos enunciator e co-enunciator que, por meio de ajustes em seus enunciados, constroem a diferenciação e a identificação. Nesse ponto, podemos dizer que, para a teoria culioliana, não existe um sentido primeiro nos enunciados. O sentido é construído pelos sujeitos enunciadores e provém das relações de alteridade entre eles estabelecidas, já que o sentido (re)construído não coincide totalmente com as representações presentes na cognição de cada um dos sujeitos implicados na enunciação.

SEÇÃO II

2.1 O enunciado

Quando Saussure funda a Linguística, com seu Curso de Linguística Geral, obra póstuma e publicada com base em anotações de seus alunos, ele propõe um corte metodológico em que a Linguística tenha como objeto a ser estudado a língua, por ser algo social, compartilhado e essencial, dessa maneira deixando de lado a fala, por tratar-se de algo individual e acessório. Essa é a mais famosa de suas dicotomias. Dessa maneira, ele deixa de lado em seus estudos qualquer possibilidade de subjetividade, o sujeito não é relevante, pois Saussure exclui de seus trabalhos justamente a atividade de linguagem e o sujeito.

Enquanto Saussure interessa-se somente pela língua, Culioli dedica-se a estudar a atividade de linguagem articulada com as línguas. Sua proposta de análise é então baseada no estudo do enunciado, que, segundo Franckel e Paillard,

Deve ser entendido como uma organização de formas a partir das quais os mecanismos enunciativos, que o constituem como tal, podem ser analisados, no quadro de um sistema de representação formalizável, como um encadeamento de operações do qual ele é a marca (FRANCKEL e PAILLARD, 2011, p.88).

O enunciado, enquanto entidade teórica, é o que está disponível à observação do linguista, que, em suas análises apreende dos enunciados os traços das operações subjacentes. Esses vestígios de operações são dados imediatos e são porta de acesso aos caminhos que levaram à constituição do enunciado. Sobre isso, Pria afirma:

O enunciado define-se por um duplo estatuto: teórico e material. O primeiro se pode definir como um arranjo de marcadores e, o segundo, como unidade empírica de observação constituída de materialidade. É esse duplo estatuto que viabiliza a articulação do domínio das observações com o domínio teórico, ou seja, do Nível 2 – das representações lingüísticas – com o Nível 3 – das representações metalingüísticas, possibilitando simular, assim, as representações do Nível 1.” (PRIA, 2009, p. 38)

A teoria culioliana é considerada uma teoria da enunciação porque é o enunciado o seu objeto de estudo. Essa linha teórica tradicionalmente define o enunciado como produto da atividade de linguagem. Para Benveniste, a enunciação pode ser definida como o “colocar a linguagem em funcionamento por um ato individual de utilização (BENVENISTE, 1991, p.82). Enquanto produto de um ato individual de enunciação do sujeito, o enunciado traz para a

linguística o olhar sobre a subjetividade do indivíduo. Para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, o enunciado é:

uma entidade teórica porquanto é definido como agenciamento de marcadores de operações da atividade de linguagem. Dessa perspectiva, em sua atividade de análise, o linguista parte de dados imediatos e caminha em direção a formulação de dados teorizados (famílias parafrásticas) que lhe fornecem subsídios para retornar ao empírico (PRIA, 2013, p.42).

Esse caminho do empírico (enunciados) ao formal (operações) sustenta-se pela articulação da linguagem com as línguas naturais. Nesse sentido, o trabalho do linguista recai sobre a busca dos mecanismos que tornam um enunciado interpretável.

No modelo de Culioli, o enunciado é construído através do agenciamento regulado de marcadores, de modo que o sentido é construído na relação dos sujeitos implicados na situação de enunciação. Assim, o enunciador constrói a significação e o co-enunciador a reconstrói. É desse ato de construir/ reconstruir a significação que ambos construirão um sentido partilhado. A enunciação é, portanto, entendida como um processo de construção de sentido, e não como a simples materialização do desejo do dizer do sujeito, o sentido é construído enunciado por enunciado.

Nessa perspectiva do que é um enunciado, temos o conceito de *boa formação de um enunciado*. Ao ler essa expressão talvez o primeiro que nos ocorra seja algo como a *boa formação de uma frase*. No entanto, na teoria culioliana, esses conceitos não são necessariamente coincidentes. Quando falamos em boa formação de uma frase ou boa formação de um enunciado, pensamos imediatamente em gramaticalidade/agramaticalidade. A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas não trabalha com essa oposição. Até porque a boa formação de um enunciado está relacionada aos mecanismos enunciativos visíveis. Nas palavras de Salviato Silva, “o enunciado está relacionado com a localização de uma relação predicativa numa situação de enunciação” (SALVIATO-SILVA, 2007, p. 36).

Enfim, para investigar a atividade de linguagem, teremos o desafio de trabalhar com a articulação entre a atividade de linguagem e as línguas naturais. O foco do linguista será analisar os marcadores e as operações que determinam a variação de superfície dos enunciados.

A construção do enunciado implica três tipos de relação: a relação primitiva, a relação predicativa e a relação enunciativa.

2.2 Os processos constitutivos do enunciado

Nessa Seção apresentamos o que a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas entende por processos constitutivos do enunciado. A teoria culioliana não entende o enunciado apenas como um produto formal da atividade de linguagem, mas como processo em que está implicado o agenciamento de marcadores que são a materialização das estruturas semânticas que permitem a construção de um processo significativo. Nesse processo estão envolvidas três etapas: a relação primitiva, a relação predicativa e a relação enunciativa. Sobre elas explanaremos a seguir.

2.3 A relação primitiva

A relação primitiva ocorre num momento anterior ao ato de enunciação. Assume-se que um tipo de esquema inicial é o que garante a possibilidade de que algo seja dizível. Esse lugar formal que relaciona termos é o que chamamos de léxis. Culioli define a léxis como uma “forma organizadora, geradora de relações predicativas” (CULIOLI, 2010, p. 56)⁵.

De outro modo, poder-se-ia dizer que é a forma adotada pelo enunciado, antes que a enunciação ocorra de fato. É uma soma das possibilidades do dizer. O sistema de léxis é constituído por três elementos: dois argumentos e um relator. Esse esquema desencadeia uma ordenação dos termos que é representada da seguinte maneira $\langle x R y \rangle$, onde x é o termo de partida de R e y é o objetivo de R .

Embora os termos de uma léxis apontem para uma ordem, eles ainda não estão ordenados. É a partir dessa relação primitiva que se construirá o predicado e os argumentos. Cada elemento da léxis remete a uma noção. Partindo disso é que se constrói o domínio nocional. A relação primitiva é uma relação entre domínios nocionais

2.4 A relação predicativa

A relação predicativa implica uma organização do enunciado pelo sujeito enunciador. Nesse processo o sujeito enunciador organiza seu pensamento levando em consideração a situação de enunciação e o seu co-enunciador. Ele então escolhe os arranjos desejados para os

⁵ “forma organizadora, generadora de relaciones predicativas” (CULIOLI, 2010, p. 56).

termos da léxis. A léxis é um esquema geral que permite a relação entre esquemas de funcionamento sintático e os efeitos semânticos da origem da escolha do esquema de léxis, o que chamamos de noção de orientação. Ela é o que é passível de ser dito, o dizível, anterior à realização por meio de uma proposição. Será decidido pelo sujeito qual será o termo de partida. Essa decisão afetará o enunciado. Com efeito, se estabelecerá um esquema de pensamento inicial em que aparecem duas possibilidades de efeitos semânticos: a localização e a identificação. A localização sucede quando escolhemos um termo de origem, que servirá de localizador ou de primeiro ponto de referência para o resto da relação construída. Esse localizador será o centro atrator da léxis. Em “A menina dorme no sofá”, o termo localizado é “menina”. A teoria objetiva buscar quais seriam as motivações para que “menina” seja o elemento escolhido como termo de partida nesse enunciado. Podem aparecer questionamentos tais como a condição de existência ou não existência de “menina”, o que é ser “menina” e o que é não ser “menina” e todas as nuances que a marca “menina” pode possuir, ou seja, acionamos mecanismos de identificação, diferenciação e determinação de um termo.

A identificação é decorrente da localização. É a partir dela que se confirma a estabilidade do que é localizado. A identificação decorre da determinação. No momento em que um determinado elemento é delimitado, também é identificado entre outros, assegurando certa estabilidade daquilo que é delimitado (AGUILAR, 2007, p.54).

2.5 A relação enunciativa

A enunciação é um ato de construção de um enunciado realizado por um determinado enunciador, numa dada situação de enunciação, e envolve um co-enunciador (que assume simultaneamente o papel de enunciador). Para a teoria culioliana, o enunciado é um conjunto de marcas que são vestígios de operações de linguagem realizadas por um sujeito enunciador que dá significado ao enunciado a partir da construção de relações organizadas e orientadas entre elas. Sendo assim, a significação do enunciado é provisória e varia em razão das coordenadas enunciativas. Por isso, não é possível simplesmente transportá-la de um enunciador ao outro como um produto pronto.

A significação é construída em um jogo constante entre os sujeitos enunciador e co-enunciador. Resulta de ajustamentos produzidos entre esses sujeitos. Sua estabilidade é transitória na produção e no reconhecimento de enunciados.

SEÇÃO III

3.1 A construção de domínios nocionais

Para a teoria culioliana a atividade de linguagem não está restringida apenas ao elemento linguístico, a construção do significado se dá num ponto clivado entre o linguístico e o extra-linguístico. A noção e o domínio nocional estão nesse lugar híbrido entre o linguístico e o não linguístico. Nessa Seção apresentamos o conceito de noção e domínio nocional.

3.2 A Noção

Ao tratar do conceito de noção, Culioli chama a atenção para a dificuldade que este construto teórico traz. Segundo Culioli,

Tudo sería fácil se funcionássemos com etiquetas léxicas que estabelecessem uma relação indiscutível e imutável entre uma representação imaterial e objetos do mundo. Em outras palavras, que feliz sería o linguísta se pudesse fazer corresponder um léxico pré-condicionado [précontraint] e fragmentos de experiência! Infelizmente, ou felizmente não é assim. (CULIOLI, 2010 p.121)⁶.

Há certa complexidade em definir-se o que é noção. Esta dificuldade ocorre porque não é possível estabelecer uma relação linear entre cada unidade léxica e uma determinada identidade, isto é, não há correspondência direta entre uma noção e uma palavra. A problemática proposta pelo linguista, então, é buscar quais são as propriedades gerais e estáveis a partir da investigação dos fenômenos observáveis nos enunciados. Culioli entende a noção como um conjunto de propriedades físico-culturais que apreendemos através de nossa atividade enunciativa de produção e compreensão de enunciados.

⁶ No original: Todo sería fácil si funcionáramos con etiquetas léxicas que establecieran una relación ineluctable e inmutable entre una representación inmaterial y objetos del mundo. En otras palabras, ¡qué feliz sería el lingüista si pudiera hacer corresponder un léxico precondicionado [précontraint] y fragmentos de experiencia! Por desgracia, o por suerte no es así (CULIOLI, 2010 p.121)⁶.

Um enunciado é um construto que ajusta as representações de um sujeito a um interlocutor por meio das marcas que lhe dão corpo. A noção é, então, aquilo que se pode assimilar mentalmente a partir do enunciado. Para Culioli (2010, p.121),

A noção se situa na articulação do (meta) lingüístico e o não lingüístico, em um nível de representação híbrido:

- Por um lado, se trata de uma forma de representação não lingüística, ligada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiências próprias de cada pessoa. Neste nível ocorrem cadeias de associações semânticas onde temos “feixes” de propriedades estabelecidas pela experiência, armazenadas e elaboradas em formas diversas (especialmente, em relação com processos de memorização: imagens, atividade onírica ou emblemática, etc.) É uma propriedade essencial da atividade simbólica, na qual se baseia, em particular, o trabalho metafórico e o trabalho de ajustes intersubjetivos que supõe ao mesmo tempo estabilidade e deformabilidade. Esta ramificação de propriedades que se organizam umas em relação a outras em função de fatores físicos, culturais, antropológicos, estabelecem o que eu chamo um *domínio nocional*. É uma representação sem materialidade, é inacessível para o linguista. Portanto, as noções não correspondem diretamente com itens léxicos.

- Por outro lado, se trata da primeira etapa de uma representação metalingüística. A notação que utilizo é QLF. A *noção* se apresenta neste nível:

a) como *indivisível*, ou seja, como não fragmentada, tomada em bloco (característica do trabalho intencionado);

b) como *não saturada* remetendo assim a um esquema predicativo à espera de uma instanciação que trará consigo necessariamente a construção de uma ocorrência-de-P.

Podemos designá-la mediante a expressão *ter a propriedade P* Culioli (2010, p.121)⁷.

O excerto anterior traz o conceito de noção dividido em dois aspectos: como pertencente ao domínio lingüístico e ao domínio extra-lingüístico. Trata-se, portanto, de um construto híbrido.

⁷ La noción se sitúa en la articulación de lo (meta) lingüístico y lo no lingüístico, en un nivel de representación híbrido:

- Por un lado, se trata de una forma de representación no lingüística, ligada al estado de conocimiento y a la actividad de elaboración de experiencias propia de cada persona. En este nivel hay lugar para cadenas de asociaciones semánticas donde tenemos “racimos” de propiedades establecidas por la experiencia, almacenadas y elaboradas en formas diversas (especialmente, en relación con procesos de memorización: imágenes, actividad onírica o emblemática, etc.) Es una propiedad esencial de la actividad simbólica, en la cual se basa en particular el trabajo metafórico y el trabajo de ajustes intersubjetivo que supone a la vez estabilidad y deformabilidad. Esta ramificación de propiedades que se organizan unas en relación a otras en función de factores físicos, culturales, antropológicos, establecen lo que yo llamo un *dominio nocional*. Es una representación sin materialidad, es inaccesible para el lingüista. Por consiguiente, las nociones no se corresponden directamente con ítems léxicos.

- Por otro lado, se trata de la primera etapa de una representación metalingüística. La notación que utilizo es Clf. La *noción* se presenta en este nivel:

a) como *insecable* es decir, como no fragmentada, tomada en bloque (característica del trabajo en intensidad);

b) como *no saturada* remitiendo así a un esquema predicativo a la espera de una instanciación que traería aparejada necesariamente la construcción de una ocurrencia-de-P.

Podemos designarla mediante la expresión *tener la propiedad P* Culioli (2010, p.121)⁷.

A noção está localizada então ao nível das representações mentais. Está localizada nesse lugar híbrido, onde o linguístico e o extra-linguístico se encontram. Isso é o que permite que as interpretações semânticas e a construção da significação sejam estabelecidas de acordo com a experiência empírica de cada um. A noção é, em si mesma, indizível. Só pode ser apreendida através de suas realizações particulares que são suas ocorrências.

As noções “existem”, mas não são algo material ou dizível. É nesse sentido que o linguista busca construir um sistema metalinguístico de representações que se articule com a diversidade das línguas naturais. É nessa articulação entre a linguagem e as línguas naturais que tem origem a formação de uma noção. Para Culioli, as noções são os próprios sistemas de representações. Sendo falantes de uma determinada língua, temos essa atividade e o produto dela presentes em nossa vida desde tempos imemoriais. Por isso nem nos damos conta de como esse processo ocorre.

Temos até aqui, então, que uma noção envolve uma série de propriedades culturais estáveis que se relacionam com o conhecimento de mundo e a elaboração da experiência empírica de cada indivíduo. Por outro lado, ela também é constituída por marcas modalizadoras que têm a intenção de oferecer uma complementação desejada, mas que nem sempre está disponível na cultura. São os ajustes realizados entre aquilo que é estável e aquilo que é deformável que se observa nas noções. A noção delinea-se, portanto, na medida em que promove a criação de um domínio de referência⁸, o chamado domínio nocional. Os constituintes desse domínio ajustam-se uns em relação aos outros em função de fatores extralinguísticos.

As noções não equivalem a elementos lexicais. Não há coincidências entre determinadas palavras e determinadas noções. A noção não está acessível senão através de suas ocorrências fenomenológicas.

3.3 A ocorrência

A ocorrência é a realização particular de uma noção na forma de linguagem. A representação da noção em forma de linguagem corresponde à passagem a uma ocorrência fenomenológica e, simultaneamente, a um sistema de referência. O linguista não tem acesso a essa passagem, mas, sim, aos arranjos linguísticos presentes nos enunciados.

Esta transição de uma representação mental, imaterial, para uma atividade que se pode referir, corresponde a um “colocar em forma” da noção, que no nível metalinguístico recebe o

⁸ O processo de estabilização desse domínio será tratado na seção denominada “A referência”.

nome de operação quantitativa (QTN). Essa operação, segundo Culioli, pode ser apreendida de várias maneiras:

- baseia-se em uma operação fundamental de construção ligada à predicação de existência, tal como indica em particular a locução Há...ou seja. Existência pode ser proposta de duas formas diferentes e corresponder:
 - por um lado, a passagem de /nada /a /algo. Não há graus na existência. (Exemplo: pode-se dizer quase morto, mas não quase vivo, salvo caso de desvios contextuais retorcidos).
 - por outro lado, a uma forma de extração, no sentido já estabelecido do termo. Desde o momento em que uma entidade existe, esta se destaca ou se pode destacar em relação a outras que não existem: a predicação de existência pode se converter em uma propriedade diferencial. É o que se obtém em um exemplo como Os fantasmas existem.
- Esta de acordo com a quantificação (ou fragmentação).
- Qnt corresponde a um modo de apreensão de Qlt na forma de um conglomerado de ocorrências de P (o que chamei mais acima de classe de ocorrências). (CULIOLI, 2010, p.123)⁹.

A operação quantitativa (QNT) está baseada em uma operação fundamental ligada à predicação de existência, tal como marcam os verbos ser e haver. Sendo assim, QNT corresponde a uma construção de uma ocorrência (por extensão de uma classe de ocorrências abstratas)¹⁰.

Dessa forma, uma ocorrência é um acontecimento enunciativo que delimita uma porção espaço-temporalmente definida pela propriedade P. Na direção inversa, a propriedade P está inserida em um texto por conta de um jogo de indeterminações que lhe dá um estatuto de ocorrência (menção de dicionário, título, membro de um enunciado).

Por último é preciso ressaltar que

uma ocorrência não tem relação estabilizada com a noção da qual constitui uma realização particular. Sua determinação passa pela instauração de dois pólos organizadores:

- a) Um padrão de conformidade, que permite identificar uma ocorrência como um exemplar da noção: é o tipo. [...]

⁹ - se basa en una operación fundamental de construcción ligada a la predicación de existencia, tal como lo indica en particular la locución Hay...o sea. Existencia puede plantearse de dos formas diferentes y corresponder:

- por una parte, al paso de /nada /a /algo. No hay grados en la existencia. (Ejemplo: se puede decir casi muerto, pero no casi vivo, salvo caso de desvíos contextuales retorcidos).
- por otra parte, a una forma de extracción, en el sentido ya establecido del término. Desde el momento en que una entidad existe, ésta se destaca o se puede destacar con respecto a otras que no existen: la predicación de existencia se puede convertir en una propiedad diferencial. Es lo que se obtiene en un ejemplo como Los fantasmas existen.
- Va de la mano con cuantificabilización (o fragmentación).

Cnt corresponde a un modo de prehensión de Clfa través o bajo el modo de un conglomerado de ocurrencias de P (lo que he llamado más arriba clase de ocurrencias) (CULIOLI, 2010, p.123)

¹⁰ Essas operações serão tratadas na seção denominada “As operações de determinação”.

b) A noção fornece um segundo polo organizador que é o atrator. A ocorrência é herdeira da noção apenas sob certos, aspectos, o que estabelece sua singularidade (FRANCKEL e PAILLARD, 2011, p.93).

Dito isto, passemos ao estudo dos conceitos de tipo e atrator.

3.4 Os polos organizadores da noção: o tipo e o atrator

Já o dissemos, não há nenhuma relação estabilizada com a noção. Sua determinação sempre passará por um polo organizador, um polo de referência. Ele possibilita que se coloque a noção em relação a “algo”. Este polo de referência é a própria condição de regulação intersubjetiva.

Quando, na atividade interior de “posta em relação a” um determinado objeto, puder ser comparado dentro da relação “contém ou não contém a condição de existência”, teremos a construção de um domínio nocional. Por exemplo, no caso de “mulher”, é uma mulher porque biologicamente nasceu com o cromossomo XX, mas todas as mulheres nascem assim? Não há anomalias? É mulher porque não possui um pênis. Muitas transexuais também não possuem um pênis. Há ainda há o caso das hermafroditas. Enfim, não há uma estabilidade possível que dê conta de todas essas questões.

A partir do exercício delineado acima, notamos que, para afirmar que determinados objetos possuem uma propriedade em comum, é preciso, obrigatoriamente, submetê-los à comparação, de modo que seja possível dizer o que há de diferente e o que há de comum entre eles e se há propriedades que os caracterizam como pertencentes a um mesmo domínio nocional. É neste ponto que introduziremos os dois modos de organização da noção: o *tipo* e o *atrator*.

3.5 O tipo

Franckel e Paillard (2011) trazem a seguinte definição de *tipo*:

Um padrão de conformidade, que permite identificar uma ocorrência como um exemplar da noção: é o tipo. Este permite estabelecer tudo o que um livro é, por exemplo, na medida em que – desde o instante em que é livro. O tipo permite estabelecer a pertença de um exemplar de livro à classe dos livros. Enquanto pertencendo à classe, as ocorrências estão conforme ao tipo, sendo, portanto, exemplares intercambiáveis. Um exemplar está conforme a propriedade que ele identifica e da qual constitui amostra. (FRANCKEL e PAILLARD, 2011, p. 93).

É o tipo o que permite estabelecer o “que é” e o “que não é” um objeto. É ele que permite estabelecer o pertencimento ou não de algo a uma determinada classe, ou seja, é através dele que podemos identificar uma ocorrência como representativa da noção.

Para Culioli, a construção de uma classe de ocorrências supõe que se pode dizer se elas são ou não ocorrências de uma mesma propriedade. Apoiando-se em uma dupla operação de identificação/diferenciação. Esta operação se estabelece em relação a um termo que faz o papel de ponto de referência a que a teoria chama tipo.

É o tipo que permite organizar a fragmentação da noção. Ele torna possível a construção de uma ocorrência marcada como privilegiada, uma “ocorrência representativa”.

Essa ocorrência representativa possui duas propriedades básicas: ela é definível e está em conformidade com uma representação. Deste modo, uma propriedade P remete a “ser P”, ou seja, ao QLT. É a partir da experiência empírica que se isolam as propriedades que levam ao que é um representante exemplar, a uma ocorrência representativa. Sendo assim, Culioli defende que a operação de identificação é a primeira na construção de representações. Verbaliza-se primeiro o “ser” alguma coisa antes que o “não ser” alguma coisa.

Esta ocorrência representativa pode ser definida por meio de uma enumeração de propriedades, mas não necessariamente. Pode ser expressa através de formas como “o que eu chamo de X, a ideia que tenho de X, um verdadeiro X para mim, etc”. Enfim, o tipo é a condição enunciativa de ajustamento e regulação¹¹.

3.6 O atrator

A noção possui um segundo polo organizador. Nós o denominamos atrator. Para Culioli (2010, p.125), o atrator difere radicalmente do tipo, pois se trata de construir uma origem que não tem outra referência possível senão o próprio predicado. Tampouco é um valor relativo. Uma ocorrência é singularizada ao máximo pelo simples fato de que só é possível referenciá-la em relação a ela mesma. Ao ser seu próprio termo de referência, ela constitui este como origem absoluta e se caracteriza pela incapacidade de construir um valor último. Sobre essa incapacidade, Culioli afirma que

ao constituir seu próprio termo de referência, esta constitui esse termo como uma origem absoluta, e se caracteriza pela impossibilidade mesma de construir um valor último. O atrator não corresponde a um máximo ou a um supremo; não é um ponto

¹¹ Essa condição foi tratada na seção denominada “A regulação”.

último: sempre há um ponto mais além do que se constrói”. É um valor definido em relação ao próprio predicado (CULIOLI, 2010, p.125)¹².

O funcionamento das exclamativas relaciona-se exatamente com esse problema. Para que haja exclamativa é necessário que haja ao mesmo tempo predicado e possibilidade de graduar. Para explicitá-lo Culioli faz a seguinte explanação:

Tomemos o exemplo de que. Que percorre todos os graus; é a imagem de todas as possibilidades.

- Que interrogativo: não se pode decidir, há que recorrer a outro.

- Que retórico (que livro? Não vejo nenhum livro!): se coloca em dúvida a existência da ocorrência.

- Que exclamativo: se constroem as ocorrências o gradiente de valor. Temos um percurso orientado em direção a uma ocorrência preferida que desemboca no alto grau. (CULIOLI, 2010, p.125-126)¹³.

Nesta perspectiva, o atrator difere-se radicalmente do tipo. O tipo corresponde a uma ocorrência representativa. Já o atrator é uma representação abstrata e absoluta, cuja origem é o próprio predicado. Há, no entanto, inversões possíveis entre um e outro. Isso ocorre porque o atrator, ao estabelecer um valor absoluto, conduz a uma singularidade para a qual já não se pode definir nenhuma alteridade. Neste sentido, o autor afirma:

Então temos um potencial, que pode desembocar no mais elevado: uma verdadeira obra de arte [un pur chef-d’ oeuvre], ou no mínimo (o qualquer, o simples): um simples mal entendido/ um puro e simples mal entendido. Dito de outro modo, a permanência qualitativa de uma propriedade pode ser baseada na estabilização que corresponde ao alcance de seu ponto mais alto, ou no fato de que se reduz ao que é minimamente constitutivo (se elimina tudo o que constituiria variantes singularizantes, é a propriedade em “o que tem de mais ordinário”) (CULIOLI, 2010, p.126)¹⁴.

¹²al constituir su propio término de referencia, ésta constituye a ese término como un origen absoluto, y se caracteriza por la imposibilidad misma de construir un valor último. El atractor no corresponde a un máximo o a un supremo; no es un punto último: siempre hay un punto más allá del que se construye”. Es un valor definido con respecto al propio predicado (CULIOLI, 2010, p.125)

¹³ Tomemos el ejemplo de qué. Qué recorre todos los grados; es la imagen de todos los posibles.

- Qué interrogativo: no se puede decidir, hay que recurrir a otro.

- Qué retórico (¿qué libro? ¡No veo ningún libro!): se pone en duda la existencia misma de la ocurrencia.

- Qué exclamativo: se construyen las ocurrencias en el gradiente del valor. Tenemos un recorrido orientado hacia una ocurrencia preferida que desemboca en el alto grado. (CULIOLI, 2010, p.125-126)

¹⁴ Entonces tenemos un potencial, que puede desembocar ya sea en lo más elevado: una verdadera obra de arte [un pur chef-d’ oeuvre], o bien en lo mínimo (lo cualquiera, lo simple): un simple malentendido/ un puro y simple malentendido. Dicho de otro modo, la permanencia cualitativa de una propiedad se puede basar en la estabilización que corresponde al alcance de su punto más alto, o bien en el hecho de que se reduce a lo que le es mínimamente constitutivo (se elimina todo lo que constituirían variantes singularizantes, es la propiedad en “lo que tiene de más ordinario”) (CULIOLI, 2010, p.126)

O atrator permite determinar em que e em qual medida uma ocorrência relaciona-se com a noção. Ele é o ponto de estabilidade de um grupo de valores que são ordenados por graus de diferença.

3.7 O domínio nocional

O domínio nocional compreende um domínio abstrato de representações metalinguísticas que estruturam ocorrências de noção. Um conjunto de propriedades em comum de um determinado objeto linguístico é aquilo que o constitui. Ao trabalhar com a ideia de domínio e centro organizador, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas traz a possibilidade de se trabalhar com o conceito de fronteira.

3.8 A fronteira

O domínio nocional compreende um domínio abstrato de representações metalinguísticas que estruturam ocorrências de noção. Ele é constituído por um conjunto de propriedades comuns de um determinado objeto linguístico. Ao trabalhar com a ideia de domínio e centro organizador, a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas traz a possibilidade de se trabalhar com o conceito de fronteira. Segundo Culioli,

Temos assim um *centro* que nos dará um organizador (“o verdadeiramente tal coisa”), um *atrator* (o “alto grau”), um *gradiente*, e o interessante é que se pode mostrar que do outro lado haverá um *exterior*. Construiremos uma *fronteira*: quer dizer, o que tem a propriedade “P” e ao mesmo tempo a propriedade alterada, que faz com que não seja mais totalmente “P”, que isso não tenha a propriedade “P”, mas não seja totalmente exterior (CULIOLI, 2010, p. 190).

A fronteira é uma zona híbrida do domínio nocional. Ela compreende valores, relativos a uma ocorrência central, ela é constituída de valores que não pertencem nem ao interior, nem ao exterior do domínio nocional, contudo, de acordo com a ação dos sujeitos enunciadorees no decorrer de uma situação de diálogo, discussão, argumentação, a fronteira poderá estar ligada ao interior ou ao exterior do domínio nocional. Segundo Pria,

é em relação ao atrator (“o verdadeiramente p”) que se organiza a área de fronteira, como um limiar ou uma zona de alteração, de p. Nessa área, constrói-se aquilo que tem, ao mesmo tempo, a propriedade p e uma alteração da propriedade p. Não se pode afirmar que algo é totalmente p, mas também não se pode

afirmar que algo é totalmente exterior ao domínio de p (“o verdadeiramente não- p ”) (PRIA, 2009, p. 62).¹⁵

Nessa região, está aquilo que nem é de todo P , sem o deixar de ser P .

3.9 Uma tipologia: o discreto, o compacto e o denso

De acordo com Culioli (2010, p.126), o QNT tem afinidades com o tipo e o QLT com o atrator. A construção de uma ocorrência ocorre através de um esquema de individualização que coloca em jogo ponderações variáveis sobre QNT e a respeito de QLT. Essas ponderações se relacionam com as operações de determinação em interação com as propriedades léxicas dos termos envolvidos. Segundo Culioli (2010, p.126), o discreto, o compacto e o denso correspondem a diferentes tipos de interação que podem ser representados do seguinte modo:

QNT		QNT
QLT	QLT	QLT
discreto	compacto	denso

Em se tratando do discreto, o QNT é preponderante. O tipo é privilegiado em relação ao atrator. Trata-se de um modo de construção de uma ocorrência que privilegia a delimitação de uma porção de espaço-tempo. A estabilidade da ocorrência está baseada no tipo.

No caso do compacto, o tipo já não desempenha um papel preponderante. É fundamental, nesta situação, a construção de um gradiente. Neste caso, estamos tratando de algo homogêneo. O que traz a estabilidade é o atrator. A única singularização possível é de ordem qualitativa. Não há uma fragmentação de uma porção no espaço-tempo.

Enfim, o denso corresponde a um caso misto, intermediário e instável. Nem QNT, nem QLT são preponderantes. Não há forma típica que estabilize. O QNT corresponderá a formas de pré-construção. A operação de pré-construção ocorre mediante uma quantidade não definível independente desta operação. Por essa razão não há esgotamento. O exemplo de Culioli (2010, p.126) para explicitar esse funcionamento é *tomei leite*. Neste exemplo, a quantidade de leite bebida só pode ser determinada circularmente, em relação ao *bebível* que tiver sido transformado em *bebido*: *tomei a quantidade de leite que tomei*.

¹⁵ Tendremos así un *centro* que nos dará un organizador (“es verdaderamente tal cosa”), un *atractor* (el “alto grado”), un *gradiente*, y lo interesante es que se puede mostrar que del otro lado habrá un *exterior*. Construiremos una *frontera*: es decir, lo que tiene la propiedad “P” y al mismo tiempo la propiedad alterada, que hace que no sea más totalmente “P”, que eso no tenga la propiedad “P”, pero no sea totalmente exterior (CULIOLI, 2010, p. 190).

SEÇÃO IV

4.1 As operações de determinação

A determinação deve ser estudada, nesta teoria, a partir de um conjunto de operações elementares a saber: quantificação, qualificação, extração, flechagem e varredura.

4.2 A quantificação

A quantificação é a operação que remete à construção de representação de alguma coisa que pode ser distinguida e situada em um espaço de referência. Trata-se aqui, portanto, da construção da representação enquanto uma ocorrência que o sujeito é capaz de compreender, de diferenciar de outras ocorrências e de situar espaço-temporalmente. Com efeito, essa operação visa eliminar indeterminação. São duas as operações de quantificação: a extração e a flechagem.

4.3 A extração e a flechagem

A operação de extração ocorre sobre a extensão de um domínio nocional. A partir de um determinado conjunto de ocorrências de uma determinada noção, o sujeito enunciador escolhe uma ocorrência privilegiada. É essa operação que permite ao sujeito enunciador isolar e delimitar no espaço-tempo um elemento de uma classe de ocorrências. Com efeito, essa operação atualiza o seu discurso.

A flechagem é a retomada por identificação de uma ocorrência cuja existência está estabilizada no discurso.

4.4 A qualificação

A qualificação é compreendida por uma operação de identificação/diferenciação. Para Culioli, qualificar é ativar uma cadeia complexa de operações e não simplesmente acrescentar um qualificativo.

Por meio da qualificação é possível ampliar o domínio de conhecimento de um determinado objeto, o que se torna observável no plano da representação.

4.5 A varredura

A operação de varredura consiste em percorrer todos os valores passíveis de serem assinalados no interior de um domínio sem que se selecione qualquer elemento em especial. Sendo assim, qualquer construção enunciativa de um domínio realiza um tipo de varredura e isso ocorrerá pela passagem gradual de uma zona para outra por meio de diversas sondagens progressivas.

SEÇÃO V

INCURSÕES PELA DELIMITAÇÃO GRAMATICAL E PELO FUNCIONAMENTO ENUNCIATIVO DE *MIENTRAS*

Na perspectiva em que trabalhamos, temos uma imagem de sujeito ativo e interacional. Esse sujeito é permeado por uma língua dinâmica que lhe garante o pertencimento e a identidade diante de uma coletividade. Língua essa que é heterogênea e que tem por princípio a variação. É um processo vivo, dinâmico, que está em constante mutação. Isso lhe dá um caráter complexo e impreciso. Além disso, trata-se de matéria do pensamento e, por isso mesmo, é inventiva, variada e maleável. Portanto, o sentido não está dado, é construído na atividade enunciativa. Não é externo à língua, os sentidos são construídos pelos sujeitos no momento da interação.

Mas nem sempre a língua foi entendida dessa maneira, para os estudos tradicionais, a língua é algo cristalizado e os sentidos já estão dados. Neste momento, é sobre esse olhar tradicional que falaremos.

5.1 As origens de *mientras*

Começaremos (1) pela origem etimológica da marca “*mientras*” e (2) pelo tratamento que lhe foi dado pelos estudos tradicionais. No *Breve Diccionario Etimologico de la Lengua Castellana*, de Joan Corominas, a marca “*mientras*” aparece assim identificada:

2ª metad S. X. Abreviação do antiguo demientras ou demiente, mais antigamente domiente, S. XIII, que procedem do lat. DUM INTERIM. Esta combinação, usual eno latim falado, resulta da combinação do latim clássico DUM ‘mientras’ e INTERIM ‘entretanto’ (COROMINAS, 1990, p. 395).¹⁶

Ambas as palavras carregam em si, em princípio, valores de tempo e funcionam, do ponto de vista da gramática tradicional, como advérbios de tempo, locuções adverbiais ou ainda como conjunções. Diversos dicionários registram o vocábulo *mientras* exatamente com essa ideia de simultaneidade e temporalidade. Gilli (2005), por exemplo, registra que

¹⁶ Segunda mitad S. X. Abreviación del antiguo demientras o demiente, más antiguamente domiente, S. XIII, que proceden del lat. DUM INTERIM. Esta combinación, usual en el latín hablado, resulta de la combinación del latín clásico DUM ‘mientras’ e INTERIM ‘entretanto’ (COROMINAS, 1990, p. 395).

Mientras = apresenta um acontecimento como simultâneo a outro.
 > ¿ No has empacado todavía? Mientras acabas voy bajando las maletas al auto.
 > Mientras estés de viaje, te regaré las plantas. Te lo prometo.
 Gramática > Conjunção de tempo.
 Estrutura > Se utiliza seguido de:

- Indicativo quando se refere a algo presente ou passado. Se é passado se usa o Imperfeito.

Mientras trabajabas, he hecho las maletas. Ya nos podemos ir.

- Presente do Subjuntivo quando é uma ação futura.

Mientras le dure la fiebre, no se mueva de la cama (GILLI, 2005, p. 223).¹⁷

Já, no *Diccionario de uso del español*, de María Moliner, encontramos uma explanação mais completa. Veja-se que

Mientras (de <<mientras>>; pronunc. sem acento: [mientras cómo]) 1. conj. Denota simultaneidade das ações expressadas pelos verbos que une: ‘Tiene costumbre de cantar mientras se afeita.’ => En tanto que, a la vez que. Durante. Simultâneo. 2. (pronunc. com acento: [sientáte miéntas]) adv. A mesma palavra é advérbio quando há um corte na expressão depois da oração que expressa a primeira ação. Neste caso, se coloca atrás de <<mientras>> uma vírgula: ‘Todos estaban esperando impacientes; mientras, él leía tranquilamente el periódico.’ Entretanto, mientras tanto. [...] MIENTRAS QUE. Expressa contraste entre duas ações ‘Yo he hablado siempre bien de él, mientras que él no pierde ocasión de meterse conmigo.’ => Expressões adversativas, distinto (MOLINER, 1998, p. 710).¹⁸

No *Diccionario Panhispánico de Dudas*, encontramos o que segue: “mientras. 1. Pode funcionar como advérbio de tempo ou como conjunção, expressando simultaneidade entre duas ações. [...]” (RAE, 2005, p. 435).¹⁹

¹⁷ Mientras = Presenta um acontecimiento como simultáneo a otro.

> ¿ No has empacado todavía? Mientras acabas voy bajando las maletas al auto.

> Mientras estés de viaje, te regaré las plantas. Te lo prometo.

Gramática > Conjuncción de tiempo.

Estructura > Se utiliza seguido de:

- Indicativo cuando se refiere a algo presente o pasado. Si es pasado va en Imperfecto.

Mientras trabajabas, he hecho las maletas. Ya nos podemos ir.

- Presente de Subjuntivo cuando es una acción futura.

Mientras le dure la fiebre, no se mueva de la cama (GILLI, 2005, p. 223).

¹⁸ Mientras (de <<mientras>>; pronunc. sin acento: [mientras cómo]) 1. conj. Denota simultaneidad de las acciones expresadas por los verbos que une: ‘Tiene costumbre de cantar mientras se afeita.’ => En tanto que, a la vez que. Durante. Simultâneo. 2. (pronunc. con acento: [sientáte miéntas]) adv. La misma palabra hace de adverbio cuando hay un corte en la expresión después de la oración que expresa la primera acción. En este caso, se coloca detrás de <<mientras>> una coma: ‘Todos estaban esperando impacientes; mientras, él leía tranquilamente el periódico.’ Entretanto, mientras tanto. [...] MIENTRAS QUE. Expresa contraste entre dos acciones ‘Yo he hablado siempre bien de él, mientras que él no pierde ocasión de meterse conmigo.’ => Expresiones adversativas, distinto (MOLINER, 1998, p. 710).

¹⁹ mientras. 1. Puede funcionar como adverbio de tiempo o como conjuncción, expresando simultaneidad entre dos acciones. [...]” (RAE, 2005, p. 435).

Conceitos semelhantes também podem ser encontrados no dicionário virtual, disponibilizado em sua versão eletrônica *online* pela *Real Academia Española* (RAE)²⁰, a mais tradicional instituição de preservação e divulgação da língua espanhola no mundo, fundada em Madrid em 1713. Essa tradicional instituição, que é referência mundial no que concerne à normatização da língua espanhola, traz, em seu dicionário *online*, a seguinte definição para a marca *mientras*:

mientras. 1. Péde funcionar como adverbio de tempo ou como conjunção, expressando simultaneidade entre duas ações. Como advérbio, é palavra tónica e se escreve isolada por vírgulas do resto do enunciado: «Desarmaron los instrumentos y los secaron. Ronald, mientras, se acariciaba la mejilla con el reverso de los dedos» (Consiglio Bien [Arg. 2002]); idêntico sentido tem a locução adverbial *mientras tanto*: «La señora, mientras tanto, permanecía impávida y con cara de pocos amigos» (López Gorila [Esp. 2001]). Como conjunção, ao contrário, *mientras* é palavra átona e não se separa com vírgula do verbo que introduz: «Todo esto lo revive Andrés mientras mezcla colores y aceites» (Mendoza Satanás [Col. 2002]). Quando introduz um verbo no subjuntivo, adquire a miúde um matiz condicional: «La polémica no se extinguirá mientras persista la palabra escrita» (Liendo Platos [Ven. 1985]). Com valor temporal, não é recomendável na fala culta pospôr a *mientras* a conjunção *que*: «Mientras que estaba en el Cusco, pasó de todo en Lima» (Expreso [Perú] 4.6.97); é preferível *Mientras estaba en el Cusco...* Também se usa *mientras* para contrapôr duas ações simultâneas, ainda que neste caso é mais frequente e recomendável o uso da locução conjuntiva *mientras que* (→ 3).
 2. *mientras más, mientras menos*. → *más, 1.8a e menos*,
 3. *mientras que*. Locução conjuntiva que se usa para contrapôr duas ações simultâneas, com sentido equivalente a ‘en cambio’: «Muchos deplorarán esta revolución, mientras que otros la celebrarán» (Varela Conocer [Chile 1988]). Com este mesmo valor de contraposição pode usar-se também a conjunção simples *mientras*: «¿Por qué muchos se veían obligados a hacer cola para mal comer, mientras otros[...] comían en sus casas lo que les venía en gana?» (Laín Descargo [Esp. 1976]); mas neste caso é mais frequente e recomendável o uso da locução conjuntiva *mientras que*.²¹

²⁰ A instituição tem por objetivo regulamentar e uniformizar a língua espanhola. É responsável pela edição de diversas obra de referência como gramáticas normativas e dicionários variados.

²¹ *mientras*. 1. Puede funcionar como adverbio de tiempo o como conjunción, expresando simultaneidad entre dos acciones. Como adverbio, es palabra tónica y se escribe aislada por comas del resto del enunciado: «Desarmaron los instrumentos y los secaron. Ronald, mientras, se acariciaba la mejilla con el reverso de los dedos» (Consiglio Bien [Arg. 2002]); idêntico sentido tiene la locución adverbial *mientras tanto*: «La señora, mientras tanto, permanecía impávida y con cara de pocos amigos» (López Gorila [Esp. 2001]). Como conjunción, en cambio, *mientras* es palabra átona y no se separa con coma del verbo que introduce: «Todo esto lo revive Andrés mientras mezcla colores y aceites» (Mendoza Satanás [Col. 2002]). Cuando introduce un verbo en subjuntivo, adquire a menudo un matiz condicional: «La polémica no se extinguirá mientras persista la palabra escrita» (Liendo Platos [Ven. 1985]). Con valor temporal, no es recomendable en el habla culta posponer a *mientras* la conjunción *que*: «Mientras que estaba en el Cusco, pasó de todo en Lima» (Expreso [Perú] 4.6.97); es preferible *Mientras estaba en el Cusco...* También se usa *mientras* para contraponer dos acciones simultâneas, aunque en este caso es más frecuente y recomendable el uso de la locución conjuntiva *mientras que* (→ 3).
 2. *mientras más, mientras menos*. → *más, 1.8a y menos*,
 3. *mientras que*. Locución conjuntiva que se usa para contraponer dos acciones simultâneas, con sentido equivalente a ‘en cambio’: «Muchos deplorarán esta revolución, mientras que otros la celebrarán» (Varela Conocer [Chile 1988]). Con este mismo valor de contraposición puede usarse también la conjunción simple *mientras*: «¿Por qué muchos se veían obligados a hacer cola para mal comer, mientras

A classe gramatical à qual pertence a palavra é a primeira informação a ser dada pelo verbo. Essa categorização das palavras é bastante antiga. No caso da língua espanhola, ela é introduzida a partir da publicação da *Gramática Castellana*, primeira gramática da língua espanhola, em 1492.

Nessa perspectiva tradicionalista, percebemos, pelas definições acima apresentadas, que a marca *mientras* apresenta relações de temporalidade e simultaneidade. Se a observamos do ponto de vista da classe gramatical “advérbio”, é relevante destacar que, tanto em língua espanhola, quanto em língua portuguesa, trata-se da mais heterogênea das classes de palavras e possui “características típicas, além da invariabilidade formal, são a função modificadora e a mobilidade posicional em relação ao termo que ele modifica” (AZEREDO, 2014, p.192,193).

Além disso, podem complementar, precisar ou determinar o significado dos adjetivos, advérbios e, inclusive, de orações inteiras. Sobre essas modificações, Ramón Sarmiento e Anquilo Sánchez afirmam que

O advérbio marca modificações que referem-se: à qualidade da ação (advérbios qualificativos) à determinação da ação (advérbios determinativos) ao caráter afirmativo, negativo ou dubitativo da oração (advérbios modalizadores) (Sarmiento; Sánchez, 1989, p. 184).

Nota de rodapé:el advérbio señala modificaciones referidas: a la cualidad de la acción (advérbios calificativos) a la determinación de la acción (advérbios determinativos) al carácter afirmativo, negativo o dubitativo de la oración (advérbios modalizadores) (Sarmiento; Sánchez, 1989, p. 184).

Dessa perspectiva, a marca *mientras* se enquadra na segunda categoria, denominada *determinación*, pois se entende que ela determina o tempo em que algo aconteceu.

Corriqueiramente traduzimos *mientras* e *mientras que* pela palavra “enquanto” na língua portuguesa. Quer isso dizer que nossa compreensão não se distancia daquela dos gramáticos acima citados quando traduzimos *mientras* e *mientras que* para nossa língua. Considerem-se, por exemplo, as seguintes orações: *Escribo mientras tomo café* (*Escrevo enquanto tomo café*) e *Necesito hacer algo creativo todos los días, mientras que a otros les basta ver telenovela* (*Preciso fazer algo criativo todos os dias, enquanto para outros basta ver telenovela*).

otros[...] comían en sus casas lo que les venía en gana?» (Laín Descargo [Esp. 1976]); pero en este caso es más frecuente y recomendable el uso de la locución conjuntiva *mientras que*.
(Disponível em : <http://lema.rae.es/dpd/srv/search?id=9YIFL4OfbD6Xyka1wB>, acesso em 12/06/2014)

Já, na *Gramática de la Lengua Castellana*, temos a seguinte definição de advérbio: “Advérbio é uma palavra que se junta ao verbo para modificar e determinar sua significação” (RAE,2003, p. 94).²²

De modo geral, essa mesma definição aparecerá em diversas gramáticas. Elas relacionam a classe de advérbios com a ideia de determinação, inclusive quando tratam dos advérbios de tempo, incluindo-se a marca aqui estudada.

Mientras é tratada, principalmente, do ponto de vista das relações de temporalidade e simultaneidade. Isso porque nas relações entre as orações da qual a marca é constitutiva, seu valor durativo se assemelha àquele de outras palavras ou expressões, tais como *entretanto*, *al mismo tempo* e *mientras tanto*. Miguel Ángel de la Fuente González traz um importante apud de Martín Mederos em seu artigo *La puntuación de mientras y afines*. Nesse trabalho, é estabelecido o seguinte contraste:

Portanto, estabelece a diferença entre *mientras*, adverbial adjuntivo, “dotado de tonicidade e mobilidade” (é palavra tônica e tem autonomia); e *mientras* conjunção (átono e que não pode mover-se, por carecer de autonomia). Comparem-se:
Caminaba hacia la estación, mientras llovía a cántaros.
Caminaba hacia la estación; mientras, llovía a cántaros.” (MEDEROS MARTÍN 1988, p. 248)²³

Como podemos observar, a marca *mientras* pode ser advérbio e pode ser conjunção. Nesse ponto, abrem-se diversas possibilidades de caminhos a seguir. Diante disso, optamos pelo estudo de *mientras* como conjunção e, mais especificamente, pela locução conjuntiva *mientras que*, como veremos a seguir.

5.2 Mientras que – uma conjunção

Neste ponto, tratemos então do conceito de conjunção. Isso porque este trabalho optou pelo estudo da construção *mientras que*, marca que é classificada pelas gramáticas tradicionais como uma locução conjuntiva. Por isso entendemos ser proveitoso para este trabalho o estudo da classe das conjunções.

²² “Adverbio es una palabra que se junta al verbo para modificar y determinar su significación” (RAE,2003, p. 94)

²³ Luego, establece la diferencia entre *mientras*, adverbial adjuntivo, “dotado de tonicidad y movilidad” (es palabra tónica y tiene autonomía); y *mientras* conjunción (átono y que no puede moverse, por carecer de autonomía). Compárense:
Caminaba hacia la estación, mientras llovía a cántaros.
Caminaba hacia la estación; mientras, llovía a cántaros.” (MEDEROS MARTÍN 1988, p. 248)

Sabemos que essa classe gramatical reúne palavras invariáveis, que possuem a função de reunir orações num mesmo enunciado e cujos elementos trazem relações de coordenação ou subordinação entre palavras, grupos sintáticos ou orações. As conjunções são as palavras que permitem unir e relacionar orações e também recebem uma classificação segundo aspectos semânticos. Elas se dividem em dois grandes grupos, de acordo com o tipo de conexão que estabelecem entre as orações que relacionam. São eles: as conjunções coordenantes e as subordinantes.

As conjunções coordenantes vinculam elementos sem estabelecer relações hierárquicas entre eles, como, por exemplo, em *¿Quieres comer carne o pescado?*. Nesse enunciado, a conjunção *o* une as orações trazendo um valor de exclusividade, ou seja, esse é um caso em que, necessariamente, o sujeito interpelado opta por uma das possibilidades que lhe são apresentadas. Esse não é o único valor possível para essa conjunção. No entanto, não vamos nos deter questão neste trabalho.

As conjunções subordinantes vinculam dois elementos estabelecendo uma relação de dependência sintática. O verbo da oração introduzida por essas conjunções apresenta forma pessoal, como em *Te escribí (yo) porque necesitaba una respuesta oficial* (*Escrevi para você porque precisava de uma resposta oficial*) e em *Luego que lo examinó, regresó (él) a casa* (*Assim que o examinou, voltou para casa*).

As conjunções subordinantes são classificadas em função de seu significado e do tipo de orações que introduzem. Vamos nos deter, agora, apenas a *mientras*. Ela é usualmente classificada como conjunção subordinante temporal porque costuma aparecer em orações subordinadas temporais, tais como em *Muchas veces él seguía pintando mientras yo estaba allí de visita* (*Muitas vezes ele continuava pintando enquanto eu estava ali de visita*). Nesse enunciado, a palavra *mientras* expressa que algo – alguém pintando – sucede ao mesmo tempo ou durante o tempo em que ocorre outro fato – no caso, alguém fazendo uma visita. É assumido o valor temporal ou durativo de uma determinada circunstância.

Contudo, no decorrer de nossos estudos elegemos trabalhar, não com a conjunção *mientras*, mas, sim, com a locução conjuntiva *mientras que*. A maior parte das conjunções conjuntivas são, na realidade, locuções conjuntivas (assim como *mientras que*), ou seja, são estruturas que contam com mais de uma palavra. As combinações mais frequentes são: preposição + que (*para que*); particípio + que (*puesto que, visto que*); preposição + substantivo ou grupo + que (*a medida que, de forma que*); preposição + substantivo + de + que (*em razón de que, a fin de que*); advérbio + que (*aunque, ahora que, mientras que*).

Já sabemos o lugar que ocupa a marca *mientras que* dentro das classes gramaticais. Vejamos, agora, qual é a sua definição, segundo o *Diccionario Panhispánico de Dudas*. Para esse dicionário,

mientras. 1. Pode funcionar como advérbio de tempo ou como conjunção, expressando simultaneidade entre duas ações. [...] 3. Mientras que. Conjunção conjuntiva que se usa para contrapor duas ações simultâneas, com sentido equivalente a ‘en cambio’ << Muchos deplorarán esa revolución, mientras que otros a celebrarán.>> (Varela Conocer [Chile 1988]) (RAE, 2005, p. 435, 436).²⁴

Observamos que, ao combinar-se com *que*, a marca *mientras* deixa de ser apenas um indicativo temporal e ganha um matiz adversativo, tal como, por exemplo, nesta oração: *Azucena trabaja en una oficina en el centro mientras que su marido trabaja a dos cuerdas de casa* (*Azucena trabalha em um escritório no centro enquanto/mas/porém seu marido trabalha a duas quadras de casa*).

Nesse caso, temos um valor temporal, Azucena e seu marido trabalham simultaneamente cada um em um lugar. Contudo, também pode ter um valor adversativo se pensamos em um contexto em que o sujeito queira dizer que Azucena trabalha longe, no centro, mas seu marido trabalha perto, a duas quadras de casa. Produzimos a seguinte glosa para essa relação: *Azucena trabaja en una oficina en el centro, pero su marido trabaja a dos cuerdas de casa*.

Partindo da observação da possibilidade de alternância entre *mientras que* e *pero*, buscamos estudar essa outra marca com a finalidade de fazer uma análise contrastiva.

5.3 Pero

Pero talvez seja uma das palavras mais usadas e mais conhecidas da língua espanhola. Trata-se de uma palavra extremamente recorrente tanto na fala de nativos quanto de estrangeiros estudantes desse idioma.

É recorrente traduzimos essa palavra para o português como “mas”. Contudo, embora essa tradução seja pertinente na maioria das vezes, há bloqueio a essa tradução em alguns casos.

²⁴ mientras. 1. Puede funcionar como adverbio de tiempo o como conjunción, expresando simultaneidad entre dos acciones. [...] 3. Mientras que. Conjunção conjuntiva que se usa para contraponer dos acciones simultâneas, con sentido equivalente a ‘en cambio’ << Muchos deplorarán esa revolución, mientras que otros a celebrarán.>> (Varela Conocer [Chile 1988]) (RAE, 2005, p. 435, 436).

Observamos nesses casos, outras possibilidades. *Pero* nem sempre funciona, portanto, como conjunção adversativa. Vejamos o registro de *pero* feito em seu dicionário por María Moliner:

pero do latim << per hoc >>, por isto; tomou significado adversativo através de seu uso em frases negativas; [...] 1. conj. é uma conjunção adversativa que expressa que o que diz a oração a que afeta impede, justifica, compensa, contesta ou atenua o dito na oração principal: ‘Quería haber ido a verte esta tarde, pero he tenido visitas. La casa es vieja, pero es céntrica. Yo le pegué, pero él me había insultado. Me gusta el café pero no me conviene. Es rico, pero tiene muchos hijos.’ 2. Também pode ter valor concessivo, expressando que o que diz a oração afetada por <<pero>> se realiza apesar de que sería natural outra coisa dado o dito na oração principal: ‘Está en Madrid, pero (sin embargo) no lo he visto. La casa es pequeña, pero cómoda.’ 3. Às vezes tem sentido restritivo: ‘Hacerlo si queréis; pero no contéis con mi ayuda. Te lo daré, pero no se lo digas a nadie.’ 4. É uma partícula expletiva ou enfática usadíssima: ‘¡Pero qué chiquillo más hermoso! ¿Pero cómo te vas a marchar con lo que llueve?’ [...] (MOLINER, 1998, p. 325).²⁵

Embora sejam diversos os usos e sentidos de *pero*, vamos trabalhar com seu valor de conjunção adversativa, ou seja, quando sua presença, no nexo das orações, traz a ideia de contrapor algo dito anteriormente. Sobre essa conjunção ainda registramos aquilo que consta da *Nueva Gramática Básica de la Lengua Española*. Vejamos o que lá se afirma sobre *pero*:

Mediante ela se contrapõem duas ideias, uma das quais – e às vezes as duas – não se formula de maneira expressa, mas que se infere a partir do que se diz. Deste modo, se aproxima da eventual contratação de um jogador de futebol se diz ‘Es muy bueno, pero tiene muchas lesiones, se deducen dos ideas contrarias: de Es muy bueno se infiere ‘Deberíamos contratarlo’, y de tiene muchas lesiones ‘No deberíamos contratarlo’” (RAE, p. 169, 2011).²⁶

Aqui, vemos que essa conjunção faz o nexo entre as orações. Uma ou ambas as orações exibe um valor adversativo, ainda que nem sempre esse valor esteja claramente expresso. No entanto, é possível aos sujeitos envolvidos na enunciação inferirem esse valor. Tomemos como

²⁵ pero del latín << per hoc >>, por esto; tomó significado adversativo a través de su uso en frases negativas; [...] 1. conj. es una conjunción adversativa que expresa que lo que dice la oración a que afecta impide, justifica, compensa, contrarresta o atenúa lo dicho en la oración principal: ‘Quería haber ido a verte esta tarde, pero he tenido visitas. La casa es vieja, pero es céntrica. Yo le pegué, pero él me había insultado. Me gusta el café pero no me conviene. Es rico, pero tiene muchos hijos.’ 2. También puede tener valor concesivo, expresando que lo que dice la oración afectada por <<pero>> se realiza a pesar de que sería natural otra cosa dado lo dicho en la oración principal: ‘Está en Madrid, pero (sin embargo) no lo he visto. La casa es pequeña, pero cómoda.’ 3. A veces tiene sentido restrictivo: ‘Hacerlo si queréis; pero no contéis con mi ayuda. Te lo daré, pero no se lo digas a nadie.’ 4. Es una partícula expletiva o enfática usadísima: ‘¡Pero qué chiquillo más hermoso! ¿Pero cómo te vas a marchar con lo que llueve?’ [...] (MOLINER, 1998, p. 325).

²⁶ Mediante ella se contraponen dos ideas, una de la cuales – y a veces las dos – no se formula de manera expresa, sino que se infiere de lo que se dice. De este modo, si acerca de la eventual contratación de un jugador de fútbol se dice ‘Es muy bueno, pero tiene muchas lesiones, se deducen dos ideas contrarias: de Es muy bueno se infiere ‘Deberíamos contratarlo’, y de tiene muchas lesiones ‘No deberíamos contratarlo’” (RAE, p. 169, 2011).

exemplo outra oração: *Sergio lo escucha, pero no lo entiende* (*Sergio o escuta, mas não entende*). Nessa oração, temos uma afirmação: *Sergio lo escucha*. Na sequência, é introduzida outra informação: *pero no lo entiende*. A segunda oração traz uma ideia contrária à primeira. Se alguém ouve alguma coisa, estabilizou-se culturalmente que, em princípio, deveria entender o que ouve. Não é o que ocorre no caso exemplificado. O interlocutor pode inferir que *Sergio oye algo, pero no lo puede entender porque Sergio no oye bien* ou, talvez, *el sujeto que habla con Sergio habla muy bajo o de manera incomprensible*. Há várias hipóteses para que alguém ouça alguma coisa, mas não entenda o que foi dito.

Do ponto de vista sintático, essas orações não possuem entre elas relação alguma. Os significados expressos podem ser independentes um do outro. Estão justapostas, uma ao lado da outra, e é a conjunção *pero* que as une e as relaciona sintaticamente. Tratam-se de orações coordenadas. As orações coordenadas têm por nexos as conjunções. Essas não somente unem orações, mas também determinam a natureza dessa união, ou seja, no caso da língua espanhola, indicam se são *copulativas, disyuntivas o adversativas*. *Pero* classifica-se, como já o dissemos, como adversativa.

Do ponto de vista semântico, a coordenação expressada pelas conjunções não estabelece hierarquias entre os membros do enunciado. O que elas fazem as conjunções é estabelecer relações entre os termos. Segundo Sarmiento e Sánchez (1996), essas relações são “de igualdad entre dos o más cosas que forman parte de un todo. De diferencia entre partes diversas y constituyentes heterogéneos de un todo” (SARMIENTO; SÁNCHEZ, 1996, p. 229).

Em qualquer situação, esses nexos trazem a união entre dois ou mais membros de um enunciado. Mesmo a conjunção *pero* une os membros que são heterogêneos mediante uma contraposição entre eles. É importante ressaltar que essas classificações gramaticais não são relevantes para a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas porque não estão fundamentadas pela atividade da linguagem, mas por um procedimento baseado em princípios lógicos alheios a essa atividade. Essa teoria busca entender, não o funcionamento gramatical, no sentido tradicional, dos elementos de um enunciado, mas, sim, busca analisar e identificar os princípios de variação subjacentes a uma marca de operações enunciativas.

5.4 A construção de valores para além do adversativo e do concessivo

No decorrer das leituras e buscas por material que tratasse, ainda que sob outros pontos de vista, de aspectos da marca escolhida para nossas análises, pouquíssimos trabalhos foram encontrados. Recorremos a buscas no arquivo digital *online* de teses de doutorado

disponibilizado pelo Ministerio de Educación, Cultura y Deporte da Espanha (www.educacion.gob.es/teseo) e à consulta *in loco* na Biblioteca de la Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires.

Não encontramos nesses lugares trabalhos que tratassem especificamente dessa conjunção. Essa ausência trouxe certa dificuldade para nossos estudos, faltaram-nos referências para discussão. No entanto, abriu-nos um amplo horizonte de estudos.

Também não encontramos nenhum trabalho que tratasse especialmente de *mientras* do ponto de vista da TOPE. Por isso, a partir dos fundamentos propostos pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas já explicitados neste trabalho, buscamos, em nossa dissertação de mestrado, analisar um conjunto de enunciados. Construimos algumas relações semânticas entre *mientras que* e *pero*. Nessas relações, ambas as conjunções expressam contraste ou oposição entre os possíveis significados das proposições. Trata-se de uma relação que não aparece descrita em nenhuma das fontes consultadas, sejam elas gramáticas ou dicionários. Trata-se mesmo de uma intuição que nos ocorreu durante os estudos acerca de *mientras*. Essa escolha foi um procedimento metodológico para delimitar nosso objeto de estudo. O que buscamos não é uma análise gramatical que queira compreender as funções sintáticas das conjunções ou das locuções conjuntivas. Nossa busca caminha em outra direção. Por meio da manipulação regulada dos enunciados, ou seja, por meio de paráfrases construídas a partir de um enunciado primeiro, buscamos entender o funcionamento das marcas escolhidas como resultado de um conjunto de operações predicativas e enunciativas. Partiremos de um plano nocional e, através de relação entre as noções, observamos o processo de estabilização da marca.

Para a composição do nosso *corpus*, utilizamos o acervo virtual do *Corpus del Español*, do Repositorio Documental de la Universidad de Salamanca, e os artigos do jornal *El comercio*, do Peru, e *La Nación*, da Argentina. Extraímos desses acervos aquelas construções que admitissem uma ou outra conjunção, sejam elas *mientras que* ou *pero*. Nosso objetivo é observar o processo que leva o sujeito a optar pelo uso de *mientras que* com valor de *pero*, e não pelo seu usual valor de temporalidade. A hipótese que levantamos, inicialmente, é de que, embora a gramática descreva um uso fixo de simultaneidade, na prática, na atividade discursiva dos sujeitos, outras possibilidades se exibem.

Retomemos um enunciado que consta da nossa Introdução para exemplificar o que aqui estamos propondo. Considere-se o enunciado em (1) e as alternâncias de *mientras que* por outras conjunções nos subitens.

1. Muchos alegan que en internet no importa cuidar la gramática o la ortografía, mientras que otros insisten en que si no lo hacemos, pronto seremos incapaces de hacernos entender.
 - a. Muchos alegan que en internet no importa cuidar la gramática o la ortografía, pero otros insisten en que si no lo hacemos, pronto seremos incapaces de hacernos entender.
 - b. Muchos alegan que en internet no importa cuidar la gramática o la ortografía, aunque otros insisten en que si no lo hacemos, pronto seremos incapaces de hacernos entender.
 - c. Muchos alegan que en internet no importa cuidar la gramática o la ortografía, asimismo otros insisten en que si no lo hacemos, pronto seremos incapaces de hacernos entender.
 - d. Por más que muchos aleguen que en internet no importa cuidar la gramática o la ortografía, otros insisten en que si no lo hacemos, pronto seremos incapaces de hacernos entender

As manipulações parafrásticas do enunciado nos subitens explicitam algumas possibilidades de articulação entre o léxico e a gramática na construção da adversatividade em diferentes níveis. Podemos dizer que essas construções pertencem a uma família de enunciados. Seus sentidos são muito próximos e, ainda que possam ser comparados em termos semânticos, não são, de modo algum, equivalentes no mesmo grau.

Do ponto de vista tradicional, podemos dizer que temos aqui conjunções coordenadas adversativas (*pero*), subordinadas concessivas (*aunque*), locuções conjuntivas (*mientras que*), advérbio (*asimismo*), dentre outras possibilidades. Fixemo-nos no valor da conjunção adversativa, tal como aquele do subitem “a”. Nessa sentença, temos a marca *pero*, que estabelece uma relação de coordenação entre duas orações, dois termos autônomos no plano sintático, mas relacionados pela conjunção adversativa. Essa relação constrói o contraste que de costume se atribui a conjunção. Nessas condições, temos sempre um termo A ligado ao termo B pela conjunção, sendo que A e B são independentes, uma vez que poderiam ser apresentados como enunciados completos em forma isolada.

Pensemos em: *Llegó ayer, pero ya volvió a trabajar*. Consideremos *Llegó ayer* um termo A e, *volvió a trabajar* um termo B. É a conjunção *pero* que articula os dois termos. Num primeiro momento pode parecer que tudo se resume a uma conjunção com um único valor, que é dado pelo valor de contraste. Entretanto, as conjunções adversativas podem exibir outros

valores. A afirmação de Granato (2011) para a língua portuguesa poderia igualmente ser feita à língua espanhola com relação aos valores da conjunção. O autor nos instrui que

os vários usos das conjunções adversativas podem ser distribuídos em três grandes grupos, de acordo com o tipo de contraste que eles expressam: adversativas de conteúdo (1), epistêmicas (2) e adversativas de atos de fala (3):

Em (1) a conjunção estabelece explicitamente uma relação de oposição entre dois elementos: [...] para alguns autores ou alguns estudiosos existem diferenças mas para outros ou na minha opinião não existe.

Em (2) a relação de contraste pode ser explicada como resultado de um cancelamento de pressuposições (expectativas que os falantes têm a respeito do que acreditam ser apropriado no mundo): [...] Claro que eles não têm uma cultura filtrada nem cristalizada... mas tem um bom verniz de cultura é uma coisa curiosa.

Em (3) o contraste decorre do conflito entre as intenções e as atitudes sinalizadas pelos enunciados coordenados, incluem-se os casos em que frequentemente existe um propósito de atenuação antecipada ou de polidez por parte do falante: Não quero ser indelicada, mas você me deve alguns reais (GRANATO, 2011, p. 50).

Considerem-se os três enunciados abaixo. São traduções nossas de enunciados em língua portuguesa que constam de Granato (2011):

1. Para algunos autores o algunos estudiosos existen diferencias pero para otros o en mi opinión no existe;
2. Claro que ellos no tienen una cultura filtrada ni cristalizada... pero tienen un buen barniz de cultura es algo curioso;
3. No quiero parecer grosera, pero me debes algunos reales;

Ainda que haja certas adequações léxicas, o valor das conjunções é aproximado. Nesse sentido, também é relevante ressaltar que, ao delimitar esses três grandes grupos, não significa dizer que são herméticos ou absolutamente fechados. Ao contrário, o limite entre eles é fluído e pode suceder que em determinadas situações se encaixem em mais de um dos grupos.

As classificações nem sempre dão conta de todas as possibilidades das línguas naturais. Retomamos essa ideia para ressaltar que uma construção pode facilmente flutuar entre o valor adversativo e o concessivo. Neves (2000) já o dissera que “as construções concessivas, e também as adversativas, são contrastivas. Seu significado básico é “contrário à expectativa”. Em muitos casos, não há diferença entre a construção concessiva e a adversativa.” (NEVES, 2000, apud GRANATO, 2011, p. 55). É essa semelhança que permite a proximidade de sentido, por exemplo, entre a conjunção coordenante *mientras que*, a conjunção *pero* e a conjunção subordinante *aunque*. Vejamos os exemplos a seguir:

1. Él era feliz, mientras que no parecía tener motivos para serlo.
2. Él era feliz, pero no parecía tener motivos para serlo.
3. Él era feliz, aunque no parecía tener motivos para serlo.

As três construções enunciativas apresentam estruturas semelhantes. São todas formadas por dois membros que se relacionam a partir de um conector. Todas elas apresentam a ideia de que existe uma dificuldade para a felicidade do sujeito (segundo termo), embora essa dificuldade não seja capaz de impedir-lhe de chegar à felicidade (primeiro termo). Com efeito, nos três exemplos há uma relação de contraste entre ‘o que se espera’ e ‘o que ocorre de fato’. Em uma construção assim, o enunciador cria a expectativa de algo positivo, algo como *Él era feliz y tenía motivos para serlo*, mas, no enunciado em questão, temos uma quebra dessa expectativa. Em *ser feliz* e *no tener motivos para serlo*, foi necessário um jogo de ajustes. O que vemos não são, exatamente, valores absolutamente contrários, mas poderíamos dizer que *ser feliz* e *no tener motivos para serlo* são valores distantes. Temos aqui um pré-construto. O enunciador acredita que “ser feliz” é uma propriedade a ser atribuída a um certo tipo de sujeito, aquele a quem o enunciador atribui motivos para tal.

O enunciador terá de equilibrar a representação, uma vez que, encontra uma ocorrência de “alguém ser feliz”, embora não tenha sido atribuído ao sujeito dessa ocorrência motivos para tal. Consideremos duas léxis: 1 <Él – ser – feliz > e 2 <él – (/) tenía – motivo>. Em ambas as léxis temos uma modalidade assertiva, sendo que a segunda apresenta uma modalidade assertiva negativa. Se é fato que há essa relação, por assim dizer, oposta entre as modalidades assertivas presentes, uma afirmativa e outra negativa, não podemos dizer que a fronteira tenha sido ultrapassada, uma vez que *ser feliz* não neutraliza nem anula *no tener motivos*. Observamos nesse exemplo uma trajetória rumo ao exterior de uma felicidade de alguém que não tem motivos para ser feliz. O sujeito enunciador então fará uma operação de varredura referente aos atratores *feliz* e *no tener motivos*. Os valores desses atratores serão validados a partir de uma gama de ajustamentos intersubjetivos realizados pelo sujeito no momento da enunciação.

Ainda nesse enunciado do nosso exemplo, a marca *mientras que* articula duas representações que, isoladamente, não se opõem, mas que, relacionadas, implicam uma relação de contradição *como él puede ser feliz si no tiene motivos para serlo*. *No tener motivos* não é suficiente para impedir que se atribua a propriedade ser feliz a um certo sujeito. A marca *mientras que* equilibra as instabilidades: x nem deixa de todo de ser feliz e x nem encontrou motivos para ser feliz. Quando observamos o enunciado, em princípio, notamos uma aparente estabilidade entre um indivíduo (denotado por *Él*) e um predicado (denotado por *era feliz*). Contudo, *mientras que*, *pero* e *aunque* apontam para uma desestabilização dessa relação. Esse fato sugere que, se há, portanto, alguma estabilidade em *Él era feliz*, ela foi tão construída quanto a instabilidade para a qual o enunciado se dirige. *Era*, o pretérito do verbo ser, já aponta para a desintegração entre os termos.

Voltemos ao que é uma construção concessiva. Embora *mientras que* e *pero* não sejam, por excelência, classificadas como conjunções concessivas, é com esse valor que elas aparecem nas construções acima. Sobre as construções concessivas, a *Nueva Gramática Básica de la Lengua Española* considera a existência de dois valores,

De acordo com a relação que se estabelece entre a oração principal e a subordinada, podem-se diferenciar dois tipos de subordinadas concessivas: do enunciado e da enunciação. Concessivas do enunciado. Sua oração principal denota um obstáculo ou uma dificuldade que não logra impedir o expressado pela subordinada: Aunque llovía, salí a caminar. A oração principal expõe uma causa ineficiente, no sentido de ‘uma causa que não chega a produzir o efeito que dela se espera’. A subordinada aparece mais frequentemente anteposta, a modo de tópico, mas também pode aparecer posposta, com pausa ou sem ela: Salí a caminar aunque llovía; Eran felices, aunque no parecían tener motivos para serlo (RAE,2011, p. 267).²⁷

Toda enunciação e, portanto, toda ocorrência, relaciona-se a um certo espaço discursivo. Devemos nos lembrar de que Culioli nos alerta sobre a inexistência de ocorrências textuais isoladas. No caso da marca objeto de nosso estudo, seu valor flutua entre o adversativo e o concessivo, dependendo das operações realizadas pelo sujeito enunciador no sentido de estabilizá-la em relação às demais mais constitutivas do enunciado. É do nosso conhecimento que uma mesma marca pode assumir valores distintos em razão das demais marcas constitutivas do enunciado.

Nessas relações entre marcas, estão implicados os três elementos do domínio nocional: o interior, a fronteira e o exterior. Essa estabilização dar-se-á por meio da chamada “boa forma”. Sobre o tema, vejamos a seguinte reflexão de Culioli (2010, p. 82):

Vejamos outro exemplo:
 Fuma mas pouco,
 É perfeito, assim como
 Fuma mas só um pouco,
 Fuma mas um pouquinho,
 Enquanto que
 Fuma mas pouco,
 Não é bom. Agora bem,
 Fuma mas não muito
 É excelente, em cambio:
 Fuma mas muito
 É rechaçado, enquanto

²⁷ Según la relación que se establece entre la prótasis y la apódosis, se pueden diferenciar dos tipos de subordinadas concesivas: del enunciado y de la enunciación. Concesivas del enunciado. Su prótasis denota un obstáculo o una dificultad que no logra impedir lo expresado por la apódosis: Aunque llovía, salí a caminar. La prótasis expone una causa ineficiente, en el sentido de ‘una causa que no llega a producir el efecto que de ella se espera’. La subordinada aparece más frecuentemente antepuesta, a modo de tópico, pero también puede aparecer pospuesta, con pausa o sin ella: Salí a caminar aunque llovía; Eran felices, aunque no parecían tener motivos para serlo (RAE,2011, p. 267).

¡Fuma mas muito de verdade!
 É aceitado, igual que
 Fuma e muito, inclusive
 Ou
 Fuma e não só um pouco.
 Deve ficar claro que a estabilidade das reações e a regularidade dos fenômenos remetem a considerações de boa forma, que só elas permitirão dar conta da abundância de derivações, e das impossibilidades (das que se pode mostrar que não são aleatórias) (CULIOLI, 2010, p. 82)²⁸.

Através desse exercício de manipulação de enunciados se pode observar o que é uma *boa forma* e o que é uma *forma ruim*. A TOPE ocupa-se, justamente, de buscar entender os processos de manipulação que levam a uma *boa forma*. A ideia fundamental é a de que não existe nenhuma ocorrência isolada. Isso quer dizer que, quando o sujeito constrói um enunciado, cada uma das partes que constituem um enunciado está situada em um espaço enunciativo dotado de um sistema de coordenadas subjetivas e espaço-temporais. Toda ocorrência é parte de um conglomerado estruturado de ocorrências que formam um domínio. O domínio é constituído de um interior (valor positivo) que tem um centro organizador (atrator); de um exterior (valor nulo) e de uma fronteira. O domínio localiza todas as ocorrências em uma zona composta por: centro; interior; fronteira; exterior.

Retomemos os exemplos da citação acima. *Fuma* (Fuma, isso é tudo) remete a um exterior, um valor positivo nem muito alto, nem nulo. Agora, vejamos. Em *Fuma pero un poco* é a palavra *pero* que marca a orientação para o exterior do domínio. Fumar é tudo que não se encontra mais no sujeito quando identificado com o exterior. Considere-se, portanto, a seguinte glosa para esse valor: *Todo lo que él no hace es fumar*. No enunciado glosado já não se encontra

²⁸ No original: Veamos otro ejemplo:

Fuma pero poco,
 Es perfecto, así como
 Fuma pero sólo un poco,
 Fuma pero un poquito,
 Mientras que
 Fuma pero poco,
 No va. Ahora bien,
 Fuma pero no mucho
 Es excelente, en cambio:
 Fuma pero mucho
 Es rechazado, mientras que
 ¡Fuma pero mucho de verdad!
 Es aceptado, igual que
 Fuma y mucho, incluso
 O
 Fuma y no sólo un poco.

Debe quedar claro que la estabilidad de las reacciones y la regularidad de los fenómenos remiten a consideraciones de buena forma, que sólo ellas permitirán dar cuenta de la abundancia de derivaciones, y de las imposibilidades (de las que se puede mostrar que no son aleatorias) (CULIOLI, 2010, p. 82)

mais a propriedade *fumar* no sujeito em questão. Em *Fuma pero poco*, a palavra *pero* marca uma descontinuidade, gerando uma instabilidade na representação. A conformidade que havia em *Él fuma* está sendo questionada. Em *Fuma pero sólo un poco* é reestabelecida a estrutura interior *pero* fronteira que podemos encontrar também em *Fuma pero um poquito*.

O caminho teórico percorrido até aqui buscou entender como é constituído o enunciado e a partir disso como é construído o sentido. O enunciado, materialidade passível de ser estudada pelo linguista, é uma sequência de representações resultado de um conjunto de operações que um sujeito enunciator mobiliza para constituir o sentido. A teoria culioliana entende que não existe um sentido dado ou um sentido primeiro. Sendo assim, quando a gramática tradicional descreve a marca *mientras que* como simples introdutora de adversidade, o que ela faz é limitar as possibilidades de sentido passíveis de serem assumidos pela marca porque ela entende língua como código e exclui de seu ponto de vista o sujeito.

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas defende a tese de indeterminação da linguagem, a inserção do sujeito como algo a ser considerado e a ausência de um sentido *a priori*. Negando uma cristalização do sentido e afirmando a relevância da ação dos sujeitos implicados na situação de enunciação a teoria contribui para que entendamos qual é o papel do sujeito na flutuação dos significados da marca *mientras que* e nos dá instrumentos para acessar a identidade da marca.

SEÇÃO VI

ANÁLISE DE ENUNCIADOS

Nesta seção, desenvolveremos a análise do conjunto de enunciados que constituem do *corpus* de pesquisa. A marca *mientras que* está presente em todos os enunciados do *corpus*. Ela é a conectora de relações binárias nos enunciados. Um critério de seleção dos enunciados é a possibilidade de sua substituição por *pero*. O objetivo é entender quais os princípios de variação da marca, como ela flutua entre o valor adversativo e o valor concessivo e quais operações estão subjacentes à estabilização desses valores. Os seguintes enunciados constituem o *corpus*:

Enunciado I: “El hombre ansia libertad, mientras que la mujer necesita seguridad.”

Enunciado II: “La mujer ideal para el pueblo tchambuli es la que domina mientras que para nosotros sería otro tipo de mujer.”

Enunciado III: “Los hombres tienen muchos beneficios, mientras que las mujeres tienen muchas complicaciones.”

Enunciado IV: “Yo sí colaboro con la justicia mientras que otros al parecer la rehuyen. Nosotros no rehuimos de la justicia como otro y otras”, manifestó Verónica Mendoza en breves declaraciones a la prensa.”

Enunciado V: “Argentina "no convalidará el golpe en Paraguay" mientras que Brasil sugirió que quedaría fuera de la Unasur y el Mercosur.”

Enunciado VI: “La danza bolera es muy elevada: es saltar, elevarse en el aire, mientras que el flamenco es apegarse al suelo, y para alguien que estudie las dos formas no deja de ser una complicación.”

6.1. Enunciado I

“El hombre ansia libertad, mientras que la mujer necesita seguridad.”²⁹

No enunciado acima, temos, segundo os pressupostos da gramática tradicional, dois termos independentes, (a) *El hombre ansia libertad* e (b) *la mujer necesita seguridad*, com sentido completo, que se relacionam por meio da locução conjuntiva *mientras que*. Segundo os pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, acreditamos que está

²⁹ Acessível em: <http://gredos.usual.es/jspui/handle/10366/100080>. Acesso em 23/11/2016.

subjacente ao enunciado as seguintes relações primitivas: (a) <hombre ansiar libertad> e (b) <mujer necesitar seguridad>.

No plano enunciativo, essas duas relações se entrelaçam numa relação mais complexa. Glosamos, abaixo, algumas das possibilidades de arranjo dessa relação maior:

Los hombres ansian algo y las mujeres necesitan otro algo.

Hombres y mujeres necesitan cosas diferentes.

Los hombres precisan de una cosa y las mujeres de otra.

As glosas abaixo nos permitem observar que o que permanece é a ideia de intenções diferentes entre *los hombres* e *las mujeres*. Embora haja o valor de contraposição de ideia, dado o nosso pré-construído social, não se pode realmente afirmar que há uma quebra de expectativa, uma vez que em nossa sociedade é comum dividir homens e mulheres como seres de valor social e aspirações diferentes, ainda que ambos pertençam ao que entendemos por humanidade. Vejam-se as glosas desses pré-construtos:

Los hombres ansian libertad, pero las mujeres necesitan seguridad.

Los hombres ansian libertad, al mismo tiempo que las mujeres necesitan seguridad.

Las mujeres necesitan seguridad y los hombres libertad.

Podemos observar que as marcas enunciativas contribuem para o entrelaçamento de noções na construção da representação. Temos primeiro a marca de qualificação e quantificação: *El hombre e la mujer, a quienes me refiero? Son todos los hombres y todas las mujeres o talvez algunos hombres y algunas mujeres, o un determinado tipo de hombre y un determinado tipo de mujer.* Também podemos observar marcas de modalização nesse enunciado. Temos a marca assertiva que varia entre a afirmação e a negação. Entre as possibilidades temos:

Assertiva afirmativa: *Los hombres ansian / las mujeres necesitan.*

Possibilidade: *Puede ser que hombres ansían/ puede ser que mujeres necesiten.*

Negação: *Porque no es mujer no necesita/ Porque no es hombre no ansían.*

Há ainda uma marca espaço-temporal, os verbos estão conjugados no modo indicativo o que nos dá a ideia de *certidumbre*, de certeza, de que os fatos ocorrem, e no presente. Portanto, trata-se de algo que o enunciador tem certeza que ocorre no momento presente.

A organização discursiva desses dois termos em relação ao conector *mientras que* traz em sua gênese diversas relações pré-construídas. Esse pré-construído responde àquilo que está estabilizado na relação espaço-tempo e no contexto. É algo que já está dado, estabilizado no contexto social e psicológico do enunciador. No enunciado *Los hombres ansian libertad*

mientras que las mujeres necesitan seguridad, há, aparentemente, o pré-construído social de que homens e mulheres têm aspirações muito diferentes (provavelmente ligado ao campo amoroso). A *los hombres* lhes interessa a liberdade, a elas lhes interessa a *seguridad* (segurança).

Num primeiro momento, podemos pensar que temos apenas um contraste entre desejos e aspirações de homens e mulheres, mas o que temos é um contraste entre sujeitos, que por um lado se diferenciam por terem diferentes objetos de desejo, mas se identificam no ato de desejar algo. Além disso, essa diferenciação entre o que querem *hombres* e o que querem *mujeres* não é, necessariamente, excludente. Podemos considerar que *los hombres* também desejam certa segurança, assim como *las mujeres* também podem se interessar por certa liberdade. O uso de *mientras que* no enunciado não traz a ideia de impossibilidade de se atribuir alguma das características, ou ambas, a *los hombres* e/ou a *las mujeres*. Observemos os seguintes arranjos:

Los hombres ansian libertad, mientras que las mujeres necesitan libertad.

Los hombres ansian seguridad, mientras que las mujeres necesitan seguridad.

Estamos aqui tratando de valores adversativos. Todavia, se o enunciador pretende, com as construções acima, apenas dizer que ambos os sujeitos têm por objeto de desejo a mesma coisa, poderíamos substituir *mientras que* pela *conjunción copulativa* “y” ou “e” (em língua espanhola, a conjunção y toma a forma e quando precede palavras iniciadas por i ou hi), o que nos daria: *Los hombres ansian libertad y las mujeres necesitan libertad./ Los hombres ansian seguridad y las mujeres necesitan seguridad*. Nesse caso, a ideia de distinção entre os sujeitos parece perder força, pois eles se somam, se identificam em relação ao objeto desejado.

Voltando à ideia de adversatividade, se fizéssemos a substituição de *mientras que* por *pero*, teríamos: *Los hombres ansian libertad, pero las mujeres necesitan seguridad*. Temos aqui uma argumentação muito aproximada, pois ambas as marcas funcionam, do ponto de vista da atividade de linguagem, como uma descontinuidade que leva os sujeitos implicados na enunciação a distinguirem entre dois sujeitos presentes no espaço enunciativo, no caso *los hombres* e *las mujeres*.

Quando empregamos *mientras que* ou *pero*, o que temos é uma adversativa que não, necessariamente, visa contrariar o dito anteriormente, mas, sim, colocar em contraste comportamentos diversos, de sujeitos diversos. É em razão de se tratarem de sujeitos distintos que os comportamentos frente à realidade são também distintos. As noções /hombre/ e /mujer/ apenas recobrem uma distinção entre sujeitos, distinção esta que está sendo retomada de um pré-construto.

Através da inserção da marca, o sujeito enunciador busca distinguir sujeitos. É justamente, porque o enunciador quer dizer de sujeitos que se diferenciam que ele recorre a tais noções. São essas noções que irão reforçar a diferenciação entre os sujeitos, estabelecida pelo enunciador.

6.2 ENUNCIADO II

“La mujer ideal para el pueblo tchambuli es la que domina mientras que para nosotros sería otro tipo de mujer.”³⁰

O enunciado acima mantém a estrutura oracional eleita por este trabalho. A locução *mientras que* se mantém funcionando como elo entre duas orações: *La mujer ideal para el Pueblo tchambuli es la que domina y para nosotros sería otro tipo de mujer*. Observemos que ela marca uma contraposição de ideias que, embora não estejam completamente explícitas, são passíveis de serem inferidas pelos sujeitos participantes da situação enunciativa.

Como primeiro termo da oração, temos a assertiva *la mujer ideal para el pueblo tchambuli es la que domina*. A palavra *dominar* chama a atenção, uma vez que no nosso pré-construído social, a ideia da mulher dominante causa certo estranhamento. Ainda que, em certas sociedades primitivas, como a dos tchambuli, esse fato ocorra, para nós, socialmente inseridos na cultura ocidental de origem judaico-cristã, a ideia tem feições de novidade. O segundo termo *para nosotros sería otro tipo de mujer* faz que levantemos algumas inferências: *las mujeres tchambuli no son ideales, nuestras mujeres son las ideales, una mujer que domina puede ser ideal, no es ideal una mujer que domina*. O que temos é uma posta em relação do que seria mais próximo de *mujer ideal* e o que estaria mais afastado de *mujer ideal*. Temos uma marca de modalização: o sujeito enunciador afirma do lugar do “eu” que, para os tchambuli, a mulher ideal é dominante e, para nós, desse outro lugar, a mulher dominante não é ideal.

O enunciador marca um contraste com a marca *mientras que*. Além disso, ele faz uma espécie de apreciação sobre essa adversidade: os tchambuli têm um ideal e nós, outro. O que diferencia os sujeitos, nesse caso, são as características desejáveis na mulher ideal. O que é desejável para os tchambuli não o é para a nossa sociedade, aí incluso o sujeito enunciador, ou seja, o objeto do desejo é diferente para os sujeitos implicados no enunciado. Por outro lado, há uma identificação desses sujeitos quando pensamos que ambos os povos possuem um ideal de

³⁰ Disponível em: <http://gredos.usual.es/jspui/handle/10366/100080>. Acesso em 23/11/2016.

mulher. O objeto do desejo é diferente, mas ambos os sujeitos possuem o desejar. Se há uma diferenciação na superfície, há uma identificação num plano mais abstrato.

A partir desse enunciado, construímos as seguintes glosas:

La mujer ideal para el pueblo tchambuli es la que domina mientras que para nosotros sería otro tipo de mujer.

La mujer ideal para el pueblo tchambuli es la que domina, pero para nosotros sería otro tipo de mujer.

Para los tchambuli la mujer ideal es la que domina. Para nosotros la mujer que domina no es la ideal.

La mujer que domina es la ideal para el pueblo tchambuli, pero para nosotros la mujer que domina no es ideal.

Nas quatro construções temos um discurso que se encaminha para a construção do que é a *mujer ideal* para os tchambuli. A marca *mientras que* introduz que essa *mujer ideal* não é ideal para *nosotros*.

Temos dois marcadores quantitativos *pueblo tchambuli*, restringindo esse modelo de *mujer ideal* somente a esse povo e, de outro lado, *nosotros*, pronome pessoal, que nos insere como parte do que pensa o sujeito enunciador, naquilo que seria um pré-construído social. Nesse sentido, há um movimento dentro do domínio nocional entre o que é *mujer ideal* para os tchambuli e o que é *mujer ideal* para *nosotros*.

6.3 Enunciado III

“Los hombres tienen muchos beneficios, mientras que las mujeres tienen muchas complicaciones.”³¹

No enunciado acima, continuamos trabalhando, do ponto de vista da gramática normativa, com *mientras que* em uma oração coordenada adversativa. É possível fazer a substituição de *mientras que* por *pero* sem perdas na estrutura sintática *Los hombres tienen muchos beneficios, pero las mujeres tienen muchas complicaciones*. Ambas as marcas, *mientras que* e *pero*, devem sempre preceder a segunda oração, e não podem encabeçar uma frase. O enunciado traz, como primeiro termo, a ideia de que *Los hombres tienen muchos beneficios*. Num segundo momento, temos a contraposição *las mujeres tienen muchas*

³¹ Disponível em: <http://gredos.usual.es/jspui/handle/10366/100080>. Acesso em 23/11/2016.

complicaciones. Podemos supor que as mulheres tivessem os mesmos benefícios que os homens, pois ambos os gêneros pertencem ao elemento “humano”. No entanto, a realidade em que estamos inseridos faz-nos automaticamente fazer uma suposição contrária, pois se *hombres tienen muchos beneficios*, imediatamente pensaremos que *las mujeres tienen pocos beneficios, o no tienen ningun beneficio*, ou qualquer valoração que os diferencie, pois, ainda que pertençam à mesma classe “ser humano”, sabemos que, socialmente, há discrepâncias profundas entre o *ser humano hombre* e o *ser humano mujer*. Essas relações estão construídas sobre as seguintes léxis: (a) < hombres – tener - beneficios>, (b) < mujer – tener - complicaciones> e (c) < hombres – ser - beneficiados>.

Podemos observar que temos a marca de qualificação e quantificação em *los (hombres)*. É o artigo masculino plural que determina a quantificação escolhida pelo sujeito enunciador, numa marca generalizante, pois *los hombres* refere-se ao conjunto de todas as ocorrências de “ser homem” em qualquer tempo ou espaço. Aqui temos *hombres* como uma ocorrência tipo, *los hombres* pode referir-se a todos *los hombres*, *algunos hombres*, *todos los hombres a los que conosco*. Temos uma marca assertiva que traz a ideia de que *los hombres siempre tienen beneficios e las mujeres siempre tienen complicaciones*. Observemos que, novamente, trabalhamos com o presente do indicativo.

Observamos que entre as léxis temos um fator de diferenciação:

Los hombres tienen beneficios, las mujeres complicaciones.

Vejamos as seguintes glosas:

Los hombres tienen muchos beneficios, mientras que las mujeres tienen muchas complicaciones.

Los hombres tienen muchos beneficios, pero las mujeres tienen muchas complicaciones.

Los hombres no tienen muchas complicaciones. Las mujeres no tienen muchos beneficios.

Los hombres tienen más beneficios, las mujeres tienen más complicaciones.

Em todas as possibilidades levantadas anteriormente, temos uma ideia de contradição. O discurso caminha numa direção *tener beneficios*, quando aparece a marca *mientras que*, que causa uma ruptura, uma mudança na trajetória do discurso rumo à fronteira nocional. A fronteira não é o lugar absoluto da negação, nem constitui o par *tener beneficios/ no tener beneficios* ou *tener beneficios/tener muchas complicaciones*. É um lugar híbrido entre um e outro. A noção ali presente apresentará características de ambas as ideias *tener beneficios* e *tener complicaciones*.

Pode-se dizer que não se trata de que *los hombres sólo tienen beneficios*, mas que eles *tienen menos complicaciones que las mujeres*. Dessa forma, a noção volta para o interior do domínio nocional. A marca *mientras que* traz uma ideia de diferenciação entre os sujeitos, *hombres e mujeres*.

6.4 Enunciado IV

***“Yo sí colaboro con la justicia mientras que otros al parecer la rehuyen. Nosotros no rehuimos de la justicia como otro y otras”, manifestó Verónica Mendoza en breves declaraciones a la prensa.*”³²**

O enunciado acima foi retirado do portal de notícias *El comercio*, do Peru. O país vizinho vive um cenário de certa turbulência política, com acusações de corrupção e lavagem de dinheiro contra o ex-presidente Ollanta Humala e sua esposa. O sujeito enunciativo, nesse caso, é a líder da Frente Amplio, coligação que apoiava o então presidente Humala, a ex-congressista Verónica Mendoza. Conforme classificação da gramática tradicional, a estrutura sintática do enunciado IV é complexa e composta por duas orações: *Yo sí colaboro con la justicia e otros al parecer la rehuyen*. *Mientras que* é o elo sintático que relaciona as duas orações.

Podemos observar, nesse enunciado, que *mientras que* traz uma descontinuidade nocional e marca claramente a distinção entre os sujeitos, na primeira oração, o sujeito *Yo que colabora con la justicia* e, na segunda, *otros que la rehuyen (de la justicia)*. Podemos observar uma relação de diferenciação de como se atua ante o elemento *justicia*. Nesse sentido, a marca salienta a distinção entre os dois sujeitos implicados na situação enunciativa. Subjacente ao enunciado estão as seguintes léxis: (a) < yo – colaborar – justicia > e (b) < otros – rehuir – justicia >. O sujeito da primeira oração é determinado quantitativamente pelo pronome pessoal *yo*. É ele também o termo orientador a partir do qual se ordena o enunciado. Na segunda oração, o sujeito *otros* traz uma ideia de indeterminação. Muitos elementos poderiam ser encaixados nesse espaço, embora saibamos, pelo contexto, que a ex-congressista refere-se à ex-candidata presidencial Keiko Fujimori, também envolta em investigações de corrupção. O uso da asserção afirmativa e dos verbos no presente do indicativo situam o enunciado no momento presente e

³² Disponível em: <http://elcomercio.pe/politica/justicia/yo-si-colaboro-justicia-mientras-que-otros-rehuyen-noticia-1945136> acesso em: 16/09/2016.

trazem a ideia de que *yo habitualmente colaboro con la justicia* e de que *otros habitualmente no colaboran*. Vejamos a partir das seguintes glosas como podemos refazer esse caminho:

Yo colaboro con la justicia, pero otros, diferentemente, la rehúyen.

Yo colaboro con la justicia. Otros rehúyen de la justicia.

Yo colaboro con la justicia mientras que otros no colaboran.

O enunciador se diferencia do sujeito da segunda oração, ao destacar que *yo tengo determinada actitud ante la justicia, mientras otros actúan de manera distinta*. São posturas diversas, diante de um mesmo objeto que diferencia os sujeitos implicados no enunciado. Há identificação, no entanto, pois ambos os sujeitos atuam de alguma forma, ainda que distintas, ante o elemento *justicia*. É exatamente a diferença de comportamento entre os sujeitos, o que quer salientar o enunciador.

6.5 Enunciado V

***“Argentina "no convalidará el golpe en Paraguay" mientras que Brasil sugirió que quedaría fuera de la Unasur y el Mercosur.”*³³**

O enunciado que analisaremos nesta sessão é o título de uma reportagem de 2012 e foi extraído do jornal *La Nación*, em sua versão digital, um dos mais importantes jornais da Argentina. Naquele ano, o então presidente do Paraguai, Fernando Lugo, acusado de ‘*mau desempenho*’, foi retirado da presidência de seu país em um processo de impeachment que durou apenas 36 horas. Os países-membros do Mercosul se manifestaram ante o ocorrido e essas manifestação deu origem à reportagem da qual nosso enunciado é o título.

Temos, novamente, nesse enunciado, uma estrutura gramatical complexa, composta, segundo a gramática tradicional, por orações coordenadas. Ambas as orações podem ser entendidas em separado. É a locução conjuntiva *mientras que* o elo morfossintático que estabelece uma relação entre elas. Partimos da hipótese de que está subjacente ao enunciado duas léxis: (a) < Argentina – no convalidar – algo > e (b) < Brasil - sugerir – algo >.

Nesse enunciado, temos uma asserção negativa *Argentina no convalidará el golpe en Paraguay*. Aqui, temos o advérbio de negação anteposto a um verbo no futuro. O futuro é um tempo que localiza uma situação em um momento posterior ao momento de fala. Os enunciados formados com esse tempo podem ser entendidos, entre outras possibilidades, como advertência

³³ Disponível em: <http://www.lanacion.com.ar/1484357-unasur-y-mercosur-tomaria-medidas-severas-ante-la-remocion-de-lugo> acesso em 15/09/2016.

ou ameaça. É, precisamente, o que parece ser a intenção do governo argentino nesse enunciado. A modalidade epistêmica também é constitutiva do enunciado. Essa modalidade expressa uma oscilação entre o provável e o improvável. Essa modalidade está marcada no pretérito, *sugirió*, associado ao condicional, *quedaría*.

O condicional é um tempo do modo indicativo, ele localiza um estado de coisas em uma situação não atual. Essa localização pode ser pretérita ou hipotética. Assim temos *sugirió*, numa situação pretérita, associado a *quedaría*, uma situação posterior, hipotética.

Elaboramos as seguintes glosas para explicitar esses valores:

Argentina "no convalidará el golpe en Paraguay" y Brasil sugirió que quedaría fuera de la Unasur y el Mercosur.

Argentina "no convalidará el golpe en Paraguay", al mismo tiempo, Brasil sugirió que quedaría fuera de la Unasur y el Mercosur.

Argentina "no convalidará el golpe en Paraguay", a su vez, Brasil sugirió que quedaría fuera de la Unasur y el Mercosur.

Nesse enunciado, o enunciador distingue dois sujeitos: Argentina e Brasil. No momento de produção do enunciado, ambos os sujeitos já se pronunciaram sobre o tema, ou seja, o enunciador fala sobre duas ações de fala pretéritas, mas que versam sobre o mesmo assunto. Podemos observar, também, que, nesse caso, não temos um valor adversativo, mas sim aditivo. As ações dos sujeitos, frente a determinada situação, não são contrárias, elas seguem numa mesma direção, isto é, rechaçar o fato de Fernando Lugo ter sofrido um *impeachment*. Há, então, certa identificação, proximidade nas intenções das ações diante do fato. Contudo, permanece a diferenciação dos sujeitos.

6.6 Enunciado VI

“La danza bolera es muy elevada: es saltar, elevarse en el aire, mientras que el flamenco es apegarse al suelo, y para alguien que estudie las dos formas no deja de ser una complicación.”³⁴

O enunciado que analisaremos neste momento foi selecionado do acervo digital do *Corpus del Español*. Trata-se de excerto de uma entrevista de um bailarino espanhol. Na referida entrevista, o bailarino discorre sobre dois tradicionais estilos de dança: a *danza bolera* e o *flamenco*. A *danza bolera*, mencionada na entrevista, em nada se assemelha ao que nós,

³⁴ Disponível em: <http://www.corpusdelespanol.org>. Acesso em 20/04/2015.

latino-americanos, conhecemos por bolero, gênero musical nascido em Cuba e que ganhou grande popularidade no México, país que geralmente associamos a esse estilo musical. A *danza bolera* é, na verdade, uma expressão artística nascida do encontro de formas de danças espanholas com técnicas e movimentos do balé francês e italiano. Ela une o folclore espanhol e a dança clássica. Já o flamenco, uma das expressões culturais mais conhecidas da Espanha, é um gênero de canto e dança típico das regiões de Andalucía, Extremadura e Múrcia. Sua origem é uma tanto incerta, mas remonta a tradições ciganas e as influências de culturas árabes sobre a Espanha.

Em 2010, o flamenco foi declarado patrimônio imaterial da humanidade pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Ciência e a Cultura). O ponto comum entre esses dois gêneros de dança é o fato de serem muito expressivos e fazerem uso de castanholas, instrumento de percussão criado pelos fenícios. Na atualidade, é um dos símbolos da cultura espanhola.

Assim como nos enunciados anteriores, estamos lidando, do ponto de vista da gramática tradicional, com orações coordenadas, cujo elo morfossintático é a marca *mientras que*. Para este trabalho, que se apoia nos pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, estabelecemos que subjaz ao enunciado as seguintes relações primitivas: (a) < danza bolera ser elevada > e (b) < flamenco ser apegado al suelo >. A partir dessas relações, construímos, dentre outros possíveis, os seguintes arranjos:

La danza bolera es de un modo y el flamenco es de otro modo.

La danza bolera y el flamenco son géneros dancísticos españoles, pero son diferentes.

La danza bolera es diferente del flamenco.

Vejamos agora, através das glosas abaixo, o que permanece, aquilo que se estabiliza, em relação ao nosso enunciado de partida.

La danza bolera es muy elevada: es saltar, elevarse en el aire, pero el flamenco es apegarse al suelo, y para alguien que estudie las dos formas no deja de ser una complicación.

La danza bolera es muy elevada: es saltar, elevarse en el aire y el flamenco es apegarse al suelo y para alguien que estudie las dos formas no deja de ser una complicación.

La danza bolera es muy elevada: es saltar, elevarse en el aire, en cambio el flamenco es apegarse al suelo, y para alguien que estudie las dos formas no deja de ser una complicación.

A partir do estudo desse enunciado, podemos observar marcas enunciativas que permitirão a observação do funcionamento enunciativo das marcas constitutivas do enunciado, em particular de *mientras que*. Em primeiro lugar, temos a marca de qualificação e quantificação. *La danza bolera* e *el flamenco* são dois elementos específicos do universo da dança, selecionados pelo enunciador entre uma variedade de noções. É possível observar, também, marcas de modalização. Temos a marca assertiva, como as glosamos a seguir:

Assertiva afirmativa: *La danza bolera es algo / el flamenco es algo.*

Assertiva negativa: *La danza bolera no es algo/ el flamenco no es algo.*

Apreciação: *La danza bolera es elevada/ el flamenco es apegarse al suelo.*

O aspecto é marcado pelo uso dos verbos no presente do indicativo. Se olharmos a oração *y para alguien que estudie las dos formas no deja de ser una complicación*, veremos o verbo *estudie*, uma forma do subjuntivo. Essa forma do subjuntivo aparece para manifestar como o estado das coisas se apresenta para o enunciador em questão. No caso, essa é uma marca de um valor hipotético. Aponta para a possibilidade de que a diferença entre a *danza bolera* e o *flamenco* possa trazer dificuldade para aquele que busque aprender ambas as formas de dança.

Conforme podemos observar, essas marcas de tempo e espaço são responsáveis por estabelecer uma relação temporal entre o intervalo de tempo e o espaço da enunciação e do enunciado. É a partir do que se diz aqui e agora na situação de enunciação que essas relações vão estabelecer os possíveis valores no espaço-tempo.

Voltemos à seguinte glosa: *La danza bolera es muy elevada: es saltar, elevarse en el aire, pero el flamenco es apegarse al suelo, y para alguien que estudie las dos formas no deja de ser una complicación*. Temos a marca *mientras que* substituída pela adversativa *pero*. No primeiro termo, o verbo *ser* é usado para construir uma afirmação do que seria uma característica básica da *danza bolera* que é *ser muy elevada*. No segundo termo, o verbo *ser* aparece novamente, mas para dar-nos a característica primeira de um sujeito outro, *el flamenco*, cuja característica diferenciadora da *danza bolera* é *apegarse al suelo*. Ou seja, *pero* não introduz apenas uma mudança de aspecto, mas uma mudança de sujeito. O enunciado não é adversativo, ainda que *pero* seja a adversativa por excelência da língua espanhola. O que temos é uma diferenciação entre sujeitos, numa ação que se situa em um tempo mais ou menos simultâneo.

Nesse ponto, podemos ressaltar a importância da atividade epilíngüística na produção de textos orais e/ou escritos. Tradicionalmente, ensinamos nas aulas de língua espanhola que *pero* introduz um elemento adversativo. E nesse ensino automático, pautado pela gramática normativa e pelos manuais didáticos, praticamente ignoramos qualquer outra nuance de valor

que essa palavra possa assumir. Costumamos fazer isso como se houvesse apenas “uma” maneira de dizer e apenas “essa maneira” e como se fosse essa a única correta, a esperada. Isso que já é problemático em língua materna, no ensino de língua estrangeira torna-se uma inverdade naturalizada. É o trabalho contínuo com a atividade epilingüística e a variação que o professor trabalha em sala de aula. Quanto maior sua consciência disso, mais próximo estará daquilo que é a atividade de linguagem nas aulas de língua estrangeira.

Isso se pode observar através de exercícios tais como esses que aqui estamos desenvolvendo. Nossas glosas estão orientadas para um determinado fim, e isso não é um acaso. Observe-se, por exemplo, a seguinte glosa: *La danza bolera es muy elevada: es saltar, elevarse en el aire y el flamenco es apegarse al suelo, y para alguien que estudie las dos formas no deja de ser una complicación.* Nela, substituímos uma estrutura adversativa por uma aditiva. Contudo, o que temos não é uma ideia de adição, listagem ou somatória de elementos. De fato, a ideia de distinção entre dois sujeitos permanece. No primeiro termo, o enunciador afirma algo sobre um sujeito (*la danza bolera*) e, no segundo, sobre outro (*el flamenco*), mas não há a intenção de fundi-los e, sim, de distingui-los por meio dos qualificadores *muy elevada* e *apegarse al suelo*.

Considere-se, ainda, mais uma glosa: *La danza bolera es muy elevada: es saltar, elevarse en el aire, sin embargo el flamenco es apegarse al suelo, y para alguien que estudie las dos formas no deja de ser una complicación.* Aqui, o marcador *mientras que* foi substituído pela locução adverbial *sin embargo*. Trata-se de um tipo de conjunção que a gramática incluem no grupo dos advérbios conjuntivos, que são aqueles que por seu caráter de sequenciação lógica e temporal, servem para unir orações. Muitas vezes, essa expressão é tomada como sinônima de *pero*, o que nem sempre é adequado. Sua origem etimológica está ligada ao domínio das relações comerciais. *Embargo* era o nome da proibição de comércio feita por um determinado governo. A marca migrou para o cotidiano, na forma da expressão *sin embargo*, com a noção de *sin que sirva de impedimento*. Novamente, não temos a introdução de um valor adversativo e, sim, de uma diferenciação de sujeitos.

O esperado, na segunda oração, talvez fosse de inclusão do flamenco entre as danças elevadas. Veja-se a glosa desse valor: *La danza bolera y el flamenco deberían ser ambas muy elevadas. Pues son danzas españolas, luego deberían tener características semejantes.* No entanto, essa expectativa não é alcançada. Observe-se a glosa desse valor frustrado: *La danza bolera es de una manera lo que no impide que el flamenco sea de otra.* A organização do enunciado caminha para a diferenciação e não para a identificação.

Temos ainda a tipificação da noção *danza bolera*, que tem como atrator o termo *elevantar*. Esse termo estabiliza o valor de *danza bolera* que percorre a sequência *saltar, elevarse en el aire*. Espera-se, então, que *el flamenco* também possua tal característica. Entretanto, temos uma quebra de expectativa que nos leva a um valor contrário *apegarse al suelo*.

6.7 O que observamos da marca *mientras que*

A partir das ocorrências de *mientras que* nos enunciados estudados e das manipulações que realizamos, identificamos que a marca mobiliza operações de quantificação e qualificação que colaboram para a construção da representação no domínio nocional.

Observamos também que de fato é subjacente à marca o valor adversativo, valor esse que varia entre o mais adversativo e o menos adversativo, mas que está presente na construção dos sentidos dos enunciados aqui estudados. Para além desse valor, as glosas e paráfrases demonstraram também que do ponto de vista da atividade de linguagem a marca introduz uma descontinuidade nocional. Com a inserção da marca *mientras que* o sujeito enunciativo pretende uma distinção entre os sujeitos presentes no espaço enunciativo. O que ele pretende é reforçar a diferenciação entre os sujeitos dos enunciados.

SEÇÃO VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da nossa pesquisa, propusemos o estudo de *mientras*, da língua espanhola, enquanto marcador de operações enunciativas. Essa trajetória de estudo contribuiu para que chegássemos a uma reflexão sobre o nosso trabalho no ensino de língua estrangeira, especificamente da língua espanhola, para brasileiros.

No decorrer da pesquisa, optamos, particularmente, pelo estudo *mientras que*. Observamos uma relativa estabilidade na significação do enunciado quando essa construção é substituída por *pero*.

Tínhamos inicialmente a gramática tradicional e o estruturalismo como referenciais para a compreensão do fenômeno linguístico. Por essa razão, entendíamos a língua como um código. Tínhamos ainda uma concepção de ensino que se baseava na transmissão de conteúdos e de aprendizado que se baseava na repetição exaustiva de exercícios e no condicionamento de respostas automatizadas a situações previamente definidas. No conjunto, essas concepções de língua, de ensino e de aprendizagem veem o sujeito como objeto passivo no aprendizado de um sistema linguístico fixo e rígido, portanto, estabilizado e avesso à transformação. A gramática tradicional, como bem o sabemos, classifica *mientras* como conjunção e *mientras que* como locução conjuntiva. Com isso, acredita ter descrito ou explicado essas construções gramaticais enquanto fenômeno de língua que são.

Em razão da pesquisa que desenvolvemos, passamos a observar os professores, nossos colegas de trabalho. Ainda que não tenhamos feito um levantamento exaustivo e rigoroso de suas práticas, não é difícil perceber que, na educação básica, aquelas concepções têm sido constantemente praticadas pelos profissionais do ensino de línguas estrangeiras. Percebemos, ainda, que tais concepções encontram sua extensão nas universidades e redundam na formação dos nossos alunos, futuros professores de línguas estrangeiras que virão a atuar na educação básica. Há, portanto, um ciclo de formação sustentado por aquelas concepções elencadas no parágrafo anterior. São elas redundadas pelos docentes de um nível a outro e reiteradas da educação básica à universidade, e vice-versa. Com efeito, isso sugere a inexistência de concepções outras para além delas.

Não só desenvolvemos uma pesquisa que tinha por objeto *mientras que*, enquanto marcador de operações enunciativas, mas também, em razão desta pesquisa, fomos nos apropriando da nossa trajetória de formação. Até chegarmos ao ponto da pesquisa relatada nesta dissertação, nossa formação tinha se construído dentro daquele ciclo referido acima. Ao nos

apropriarmos dessa experiência de pesquisa, tomamos consciência de que aquelas concepções foram nosso ponto de partida e de chegada em muitas das reflexões que já fizemos sobre as línguas e sobre o ensino e a aprendizagem de línguas estrangeiras.

Do contato que tivemos com a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas ainda antes de iniciar a pesquisa, passamos a considerar a possibilidade de construir uma pesquisa que assumisse o sujeito como ação no mundo, como construtor de representações em língua. Considerávamos que a mudança no ponto de partida nos colocava a possibilidade da chegada em outro lugar que não aquele para o qual apontava a nossa formação de até então. Vislumbrávamos a possibilidade de transpor os limites daquele ciclo, o desejo de ultrapassar a barreira do puramente gramatical, e a possibilidade de observar a experiência de cada sujeito que atua na apreensão do mundo e na construção da significação. Assumir a plasticidade da língua, os seus múltiplos arranjos, não enquanto desvio ou “defeito”, mas enquanto fundamento de toda a atividade enunciativa, tornou-se nosso objetivo de formação.

Ainda influenciados pela nossa formação estrutural, optamos por enunciados de partida que trouxessem a marca *mientras que* em posição de conector entre dois termos de uma oração complexa. Além disso, restringimos a pesquisa a enunciados que nos possibilitassem a substituição daquela marca por *pero* quando, ainda assim, se mantivesse relativa estabilidade na significação.

Ainda que a manipulação dos enunciados tenha sido guiada em boa parte pela nossa intuição, dado que a apropriação dos mecanismos enunciativos requer um tempo relativamente longo de experimentação e de observação dessa experimentação, alcançamos alguma formalização através da formulação de glosas epilingüísticas, indispensáveis, ressalte-se, para as reflexões que fazemos nessas considerações finais. Através da construção dessas glosas, pudemos observar o funcionamento da estabilização dos valores de *mientras que* e de como essa marca flutua não só entre a construção concessiva e adversativa, mas também para além desses valores. O acesso a tais observações nos possibilitam afirmar que as relações entre as orações constitutivas dos enunciados estudados não são fixas, mas variáveis. A marca estudada não está presa a esse ou àquele sentido, ainda que alguns sentidos reapareçam nas trajetórias de estabilização da marca. Em todo caso, não há um sentido que esteja dado de antemão, antes de trajetórias de estabilização de noções semânticas colocadas em relação pelos sujeitos enunciativos. Observamos, ainda, que o sujeito se posiciona em relação à construção enunciativa da qual nosso enunciado de partida é uma possibilidade de estabilização particular. Para além dessa, outras são as possibilidades, dadas as relações subjetivas que caracterizam o processo de linguagem. Isso pudemos observar através das manipulações que fizemos.

Próximos da conclusão deste trabalho, conseguimos avaliar que nossa prática docente esteve até então orientada por uma concepção estrutural de língua, de ensino e de aprendizagem. Construimos a consciência dos conflitos que vivenciamos com essa cosmovisão em sala de aula quando optávamos por trazer para aquele espaço a língua viva em detrimento daquela cristalizada nas gramáticas. Conflito esse que também é vivenciado pelos discentes. Inseridos naquele ciclo ao qual referimos acima, entendem que aprender uma língua estrangeira é aprender a gramática da língua. Todas aquelas concepções que eram as nossas, se manifestam em sala de aula pelo desejo do discente de “dominar” a língua estrangeira. Já sabemos que “dominar” e “exercer poder” tendem a se encontrar nos mesmos domínios de significação.

Essa pesquisa nos levou a alguns questionamentos que extrapolam os seus limites e que apontam para a necessidade de que venhamos a trabalhar futuramente em outras pesquisas sobre temas correlacionados a esta. Dentre os questionamentos que construimos, e para os quais as respostas ainda são incipientes, citamos o seguinte: será que a busca de poder e controle do mundo é a motivação do discente, dado esse desejo confesso, por dominar a língua do outro? Por um lado, intuimos que esse intento se justifica por aquela cosmovisão do ciclo no qual tais discentes estão inseridos, por outro lado, também intuimos que o desejo de dominar a língua será uma ficção, se consideramos a articulação das línguas com a linguagem. Será um desejo vão dominar um objeto instável, plástico e fluído, que não é como pedra que se possa moldar, que é como água que corre e muda de forma, de contraste, de cor e de nível. Em termos mais teóricos do que poéticos, queremos dizer que, apoiado na sua experiência com o empírico, cada sujeito construirá sua trajetória particular de apreensão das operações que ajustam duas dimensões em constante movimento, que são a forma e o conteúdo.

A dicotomia erro/acerto será irrelevante para se avaliar as trajetórias de apropriação aquelas operações. Não dispomos de meios para valorar a atividade epilinguística dos sujeitos. Podemos propor aos alunos que façam reflexões sobre a produção de enunciados, que avaliem o por quê de algumas formas serem mais apropriadas do que outras. Para tanto, consideremos, por exemplo, a experiência construída por esta pesquisa. Podemos perguntar ao aluno se ele sente que *mientras que* e *pero* são construções que distanciam o sujeito do enunciado ou se comprometem igualmente esse sujeito com o enunciado.

Finalizamos este trabalho, mas não a pesquisa. Tratamos aqui de uma pesquisa que não se esgotou neste trabalho. Esperamos seguir um caminho orientado para uma formação transformadora, um caminho que viabilize levar para a atividade de ensino uma reflexão mais profunda sobre a língua que ensinamos. Com efeito, esperamos a nossa formação tenha

contribuído com aqueles que um dia compartilharão conosco a profissão de professor de língua espanhola.

REFERÊNCIAS

- AUROUX, S. (org.) *Histoire des idées linguistiques*. v.1. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1989.
- AZEREDO, J.C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo : Publifolha, 2014.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.
- BOUSCAREN, J. (Org.) *La théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*. Paris: Ophrys, 1992.
- BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.; ROBERT, L. *Langues et langage. Problèmes et raisonnement en linguistique*. Mélanges offerts à Antoine Culioli. Paris: PUF, 1995.
- BRITTO, L. P. L. *A sombra do caos – ensino de língua x tradição gramatical*. Campinas: Mercado das Letras / ABL, 1997.
- CAMPOS, M. H. C. *Enunciação mediatizada e operações cognitivas*. In: SILVA, A.S. (Org.) *Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga: APL/UCP - Faculdade de Filosofia de Braga, p. 325-340, 2001.
- CAMPOS, M. H. C. *Tempo, aspecto e modalidade – estudos de linguística portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1997.
- CORREA, C. N. *Estabilidade e deformabilidade das formas linguísticas*. *Veredas*, v. 10, 2006.
- COSTA, M.L. *O marcador semelhante: elementos para uma descrição semântica*. In: CORREIA, C. N.;
- GONÇALVES, A. (Eds.) *Actas do XVI Encontro Nacional da APL*. Coimbra, p. 169-178, 2000.
- CULIOLI, A. *Cognition and representation in linguistic theory*. In: *Current issues in linguistic theory*, 112. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.
- CULIOLI, A. *Escritos*. Tradução de Sophie Fisher e Eliseo Verón. Buenos Aires : Santiago Arcos, 2010.
- CULIOLI, A. *La linguistique de l'énonciation*. In : ALONSO, C. L.; SERE DE OLMOS, A. (Eds.) *Où en est la linguistique? Entretiens avec des linguistes*. Paris: Didier Erudition, p. 25–57, 1992.
- CULIOLI, A. *Notes du séminaire de D.E.A. - 1983-1984*. Paris- Poitiers, 1985.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation - Opérations et représentations*. Paris: Ophrys, Tome 1, 1990.

- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999. v. 3.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999. v. 2.
- CULIOLI, A. *Representation, referential processes and regulation. Language activity as form production and recognition*. In: MONTANGERO, J.; TRYPHON, A. (Eds.) *Language and cognition*. Geneva: Jean Piaget Foundation, p. 97-124, 1989.
- CULIOLI, A. *Transcription du séminaire de D.E.A. - 1975-1976*. Paris: Université de Paris VII. D.R.L., 1976. *semântica de*
- DE VOGUE, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. *Linguagem e nunciação: representação, referenciação e regulação*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FANJUL, A. (org.) *Gramática de español paso a paso*. São Paulo: Moderna, 2005.
- FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. *Aspects de la théorie d'Antoine Culioli*. *Langages*, v. 129. p. 52-63, 1998.
- FUCHS, C. *A paráfrase linguística – equivalência, sinonímia ou reformulação?* *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.8, p.129-134, 1985.
- FUCHS, C. *As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica*. *Alfa*, v. 29, p. 111-129, 1985.
- FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: PUF, 1982.
- FUCHS, C. *O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências*. *Cadernos de estudos linguísticos*, n. 7, p. 77-85, 1984.
- FUCHS, C. *Paraphrase et énonciation*. Paris: Ophrys, 1994.
- GILI, Oscar Cerrolaza. *Diccionario Práctico de Gramática*. Madrid : Edelsa, 2005.
- GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. Martins Fontes, 1995.
- GRANATO, L. *Operações enunciativas e ensino de línguas: estudo de noções adversativas e concessivas*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2011.
- GROUSSIÉ, M.-L. *On Antoine Culioli's theory of enunciative operations*. *Lingua*, v. 110, p. 157-182, 2000.

- ILARI, R. *A linguística e o ensino da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KAUFMAN, A. M., RODRIGUES, M. H. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- LOPES, M. C. R. *Por uma metodologia reflexiva de ensino/aprendizagem do léxico em língua portuguesa*. In: ONOFRE, M. B.; REZENDE, L. M.; (Org.). *Linguagem e Línguas Naturais: clivagem entre o enunciado e a enunciação*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.
- LOPES, M. C. R. *Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical: a polissemia redimensionada*. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- LUFT, C. P. *Língua & liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- MOLINER, M. *Diccionario de uso del español, Tomo II*. Madrid : Gredos , 1998.
- NEVES, M. H. de Moura. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 1990.
- ONOFRE, M.B. *A indeterminação na linguagem: inconsciência e manipulação*. Araraquara. 1994. 173 f. Dissertação de mestrado em Letras - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- OSU, S. *Opérations énonciatives et problématique du repérage: cinq particules verbales ikwere*. Paris: L’Harmattan, 1998.
- PRIA, A.D. *Para um redimensionamento do estudo do « adjetivo » : os processos enunciativos de variação semântica de « falso »* Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 200
- PRIA, A.D. (org) *Linguagens e línguas: invariância e variação*. Campinas: Pontes, 2014.
- PRIA, A.D. *O diálogo, a significação e a enunciação na articulação da linguagem com as línguas naturais*. In.; PRIA A.D.; MOTTA, A.L.A.R da; RENZO, A.M.; MORALIS, E.G. (Org). *Linguagem, escrita, tecnologia*. Campinas: Pontes, 2013.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva Gramática de la Lengua Española*. 1ª ed. Buenos Aires: Espasa, 2011.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Diccionario Panhispánico de dudas*. Bogotá: Alfabara, 2005.

REZENDE, L. M. *A indeterminação da linguagem : léxico e gramática*. *Alfa*, v. 44, p. 349-362. São Paulo – 2000.

REZENDE, L. M. *A indeterminação da linguagem: léxico e gramática*. *Alfa*, v. 44, p. 349-362, 2000.

REZENDE, L. M. *A linguagem e a reflexão interdisciplinar*. In: Encontro Humanístico, 7, 2008, São Luís. *Anais...* São Luís: Ed. Universidade Federal do Maranhão, 2008a, p. 13-20.

REZENDE, L. M. *Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa*. *Revista do GEL*, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.

REZENDE, L. M. *Atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa*. 2007.

REZENDE, L. M. *Causalidade, propriedade diferencial e construção de domínios nocionais*. *Alfa*, v. 47, n. 2, p. 21-39, 2003.

REZENDE, L. M. *Diversidade experiencial e linguística e o trabalho do professor de língua portuguesa em sala de aula*. In: REZENDE, L. M.; ONOFRE, M. B. (orgs.) *Linguagem e línguas naturais: diversidades experiencial e linguística*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2006. p. 11-21.

REZENDE, L. M. *Ensino de língua: relação teoria e prática. Teoria da operações enunciativas e o ensino de línguas*. Versão Beta, n. 40, pp.8-14, São Carlos, 2006.

REZENDE, L. M. *Gramática e ensino de línguas*. Série encontros, Araraquara, n.1, ano III, p. 132-53, 1989.

REZENDE, L. M. *Gramática e ensino de línguas. Teoria da operações enunciativas e o ensino de línguas*. Versão Beta, n. 40, pp.15-30, São Carlos , 2006.

REZENDE, L. M. *Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais*. Tese (Livre docência) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2000.

REZENDE, L. M. *Operações da linguagem e algumas construções nominais*. *Alfa*, v. 46, p. 111-127, 2002.

REZENDE, L.M., E ONOFRE, M.B.(orgs.).*Linguagem e Línguas naturais. Diversidade experiencial e linguística*. Pedro e João Editores, São Carlos, 2006.

ROMERO, M. *Epilinguismo: considerações acerca de sua conceitualização em Antoine Culioli e Carlos Franchi*. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 9, p. 152-163, 2011.

ROMERO-LOPES, M.C. *A polissemia em debate: sentido frástico e sentido lexical. Estudo semântico do verbo changer*. In: REZENDE, L.M.; SILVA, B.C.D.; BARBOSA, J.B. (Org.). *Trilhas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica; FCL UNESP Laboratório Editorial, 2009, v. 16, p. 203-221.

ROMERO-LOPES, M.C. *A Teoria das Operações Enunciativas e o fenômeno do aspecto verbal*. *Estudos Linguísticos*, v. 33, p. 1, 2004.

ROMERO-LOPES, M.C. *Sobre a regularidade da variação semântica: estudo de caso*. *Estudos Linguísticos*, v. 25, p. 578-583, 1996.

SALVIATO-SILVA, A.C. *A marca “porque” nos textos escolares: uma proposta para atividades epilinguísticas*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2007.

SARMIENTO, R., E SÁNCHEZ, A. *Gramática básica del español: norma y uso*. Madrid:SGEL, 1996.

STUMER, T. C. *Contos da América do Sul*. São Paulo: Paulus, 1995.

VALENTIM, H. T. *Predicação de existência e operações enunciativas*. Lisboa: Colibri, 1998.

ZAVAGLIA, A. *Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

González de la Fuente, M. A. *La puntuación de mientras y afines*. Disponível em: <<https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero38/mientras.html>>. Acesso: 19 de junho de 2015.

Real Academia Española. *Diccionario panhispánico de dudas*. Disponível em: <<http://lema.rae.es/dpd/srv/search?id=9YIFL4Ofbd6Xyka1wb>>. Acesso: 11 de maio de 2016.

Davies, M. *Corpus del español*. Disponível em: <<http://www.corpusdelespanol.org/>>. Acesso: 8 de abril de 2015.

CUMPRI, M. *Para um redimensionamento do signo linguístico: o conceito de noção*, *Revista Língua e Literatura*, n° 23, p. 174, dezembro de 2012. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/viewFile/348/1249>>.

Acesso: 9 de novembro de 2015.